

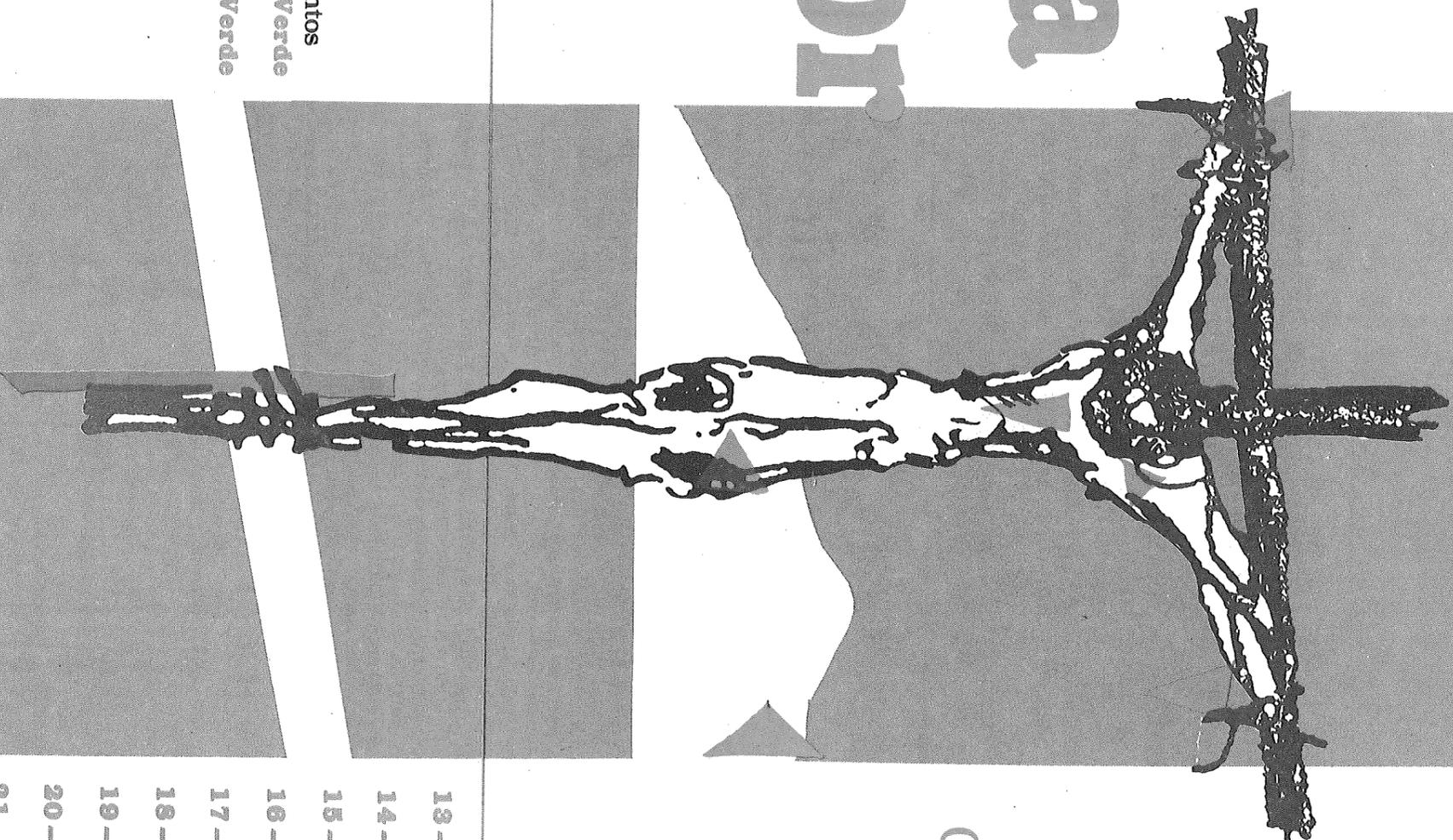


L. E. T. D. F. R. A. S.  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Brasília, 30 de março de 1994

# A Via da dor



O martírio  
de Cristo em  
14 poemas

## Nesta edição

- 2 — **Opinião**  
Editorial
- 3 — **Entrevista**  
Victor Alegria
- 4 — **Pedras de Minas**  
Agenor Gonzaga dos Santos
- 5 — **Modernismo — Cabo Verde**  
C. Nunes
- 6 — **Modernismo — Cabo Verde**  
C. Nunes
- 7 — **Transfinito**  
R. de Melo Souza
- 8 — **Transfinito**  
R. de Melo Souza
- 9 — **Transfinito**  
R. de Melo Souza
- 10 — **Movimento Verde**  
Ronaldo Cagiano
- 11 — **Movimento Verde**  
Ronaldo Cagiano
- 12 — **Via Dolorosa**  
Eno Teodoro Wanke

- 13 — **Via Dolorosa**  
Eno Teodoro Wanke
- 14 — **Grande Otelo**  
J. Antonio
- 15 — **Paranoé**  
Valter Pedrosa
- 16 — **Paranoé**  
Valter Pedrosa
- 17 — **Artigo**  
Jason Tércio
- 18 — **Artigo**  
Jason Tércio
- 19 — **Poesia Visual**  
Vários
- 20 — **Poesia**  
Vários
- 21 — **Poesia**  
Vários
- 22 — **Poesia**  
Vários
- 23 — **Cartas**
- 24 — **Parque de Los Poeta**

## editorial

# Nossa literatura nas escolas

Uma notícia formidável: a literatura brasileira será incluída no currículo das escolas públicas do DF, segundo nos informou a secretária de Educação, professora Eurides Brito. Todas as providências gerais e orientadoras já foram tomadas neste sentido.

Esta é uma vitória dos escritores do Distrito Federal e que modestamente temos uma pequena participação. Recentemente, encaminhamos um expediente ao governador Joaquim Roriz, onde solicitávamos o cumprimento do artigo 233, parágrafo 2º da nossa Lei Orgânica, que estabelece a inclusão da literatura brasileira no currículo das escolas públicas de Brasília.

Na condição de relatora ficamos naturalmente entusiasmada com a resposta que recebemos. Não há dúvida nenhuma que esta iniciativa significa um decisivo direcionamento no processo



de desenvolvimento ensino-aprendizagem, na disciplina da língua portuguesa e literatura brasileira e na educação artística, para que o docente de o devido destaque à literatura brasileira.

Nós que, através do "DF LETRAS", temos procurado colaborar na dinamização da cultura no DF, achamos que Brasília precisa experimentar uma "efervescência criadora" para mostrar todo o talento que tem. Mais um passo decisivo nesta direção foi dado. Estamos de parabéns.

**Rose Mary Miranda**  
Vice-Presidente(PP)

## EXPEDIENTE



Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenadoria de Comunicação Social da Presidência.

Vice-presidente: Rose Mary Miranda

Chefe de Gabinete: Sebastião Cunha

Assessores especiais: Chico Nobrega e Ivan Carvalho

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantouja

Programação Visual: Marcos Lisboa

Fotografia: João Wesley, Jane Neves e Fábio Rivas

Editoração: Jane Neves, Luis Augusto Gomes, Marcelo Perrone, Dino Souza, Sebastião Peres, Sérgio Cáceres e Oscar Montes, Montorjas.

Revisão: Nalci Stein e Luis Augusto Gomes.

Colaboraram nesta edição: Agenor Gonzaga dos Santos, C. Nunes, R. de Melo Souza, Ronaldo Cagiano, Eno Teodoro Wanke, J. Antonio, Valter Pedrosa, Jason Tércio, Eizo Pires, Marilena Bonifácio e Hugo Pontes.

Chefe de Seção de Divulgação: Cláudio Lyssi

Chefe de Seção de Relações Públicas: Luiz Recena

Chefe de Relações com a Imprensa: Adriana Jobim

Redação: Donalva Gaixeta, Zinia Arapepe, Cristina Timponi, João Paganini.

DF-Letras tem assinatura gratuita. Os pedidos devem ser enviados para endereço abaixo constando o nome do assinante, profissão, endereço completo e telefone para contato.

DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Redação: SALLN-Parque Rural Norte

70.086900 Brasília-DF

Telephone: (061) 347-5128

### Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Mesa diretora (biênio 93/94)	Euripedes Camargo
Benício Tavares	Fernando Naves
Presidente	Geraldo Magela
Rose Mary Miranda	Gilson Araújo
Vice-presidente	Jorge Canhy
Lúcia Carvalho	José Edmar
1º Secretário	Lúcia Carvalho
Pemil Pacheco	Odlion Aires
2º Secretário	Manoel Andrade
Cláudio Monteiro	Maria de Lourdes Abadia
3º Secretário	Maurílio Silva
Agnelo Queiroz	Padre Jonas
Araldo Satake	Pedro Celso
Benício Tavares	Pemil Pacheco
Carlos Alberto	Rose Mary Miranda
Cláudio Monteiro	Salviano Guimarães
Edimar Pireneus	Tadeu Roriz
	Wasny de Rouré

As colaborações, recebidas espontaneamente, são publicadas sem contrapartida pecuniária.

## As inovações do suplemento

PALAVRA DO EDITOR

Nada mais oportuno que lembrar Monteiro Lobato: "Um País se constrói com homens e livros". A histórica frase encaixa — com perfeição ao anúncio que o "DF LETRAS" publicou em sua edição anterior incitando os **inéditos** a enviar seus trabalhos.

A resposta não poderia ter sido mais animadora. Os escritores, poetas, ensaístas, críticos literários, jornalistas, aceitaram o desafio e nos enviaram um farto material para publicação. Tãmanha foi a receptividade que decidimos aumentar em mais quatro páginas a edição deste número.

Numa clara demonstração de que

editamos o "DF LETRAS" com um espírito aberto à participação de todas as tendências, acatamos sem pestanejar a idéia de abrir mais espaço à poesia. Agora são três páginas com um detalhe inovador: o poema visual. Eis aí uma escola poética que sempre provoca inquietações estéticas.

Atendendo também sugestão de vários escritores de Brasília começamos a publicar, já a partir deste número, uma entrevista com pessoas diretamente ligadas ao desenvolvimento da cultura no DF. A primeira será com Victor Alegria. Alegria, todos sabem, é ousado. Irrequieto e inquietante. Na entre-

vista diz, entre outras coisas, que o nosso suplemento cultural, o "DF LETRAS", deveria abrir espaço para informar os escritores brasileiros sobre os concursos literários que existem pelo País agora. Achamos a idéia magnífica. Mais que isso: sugerimos o nome do próprio Alegria para desincumbir-se desta missão. Na condição de editor ele não pode faltar com a sua palavra neste assunto. O espaço está aberto.

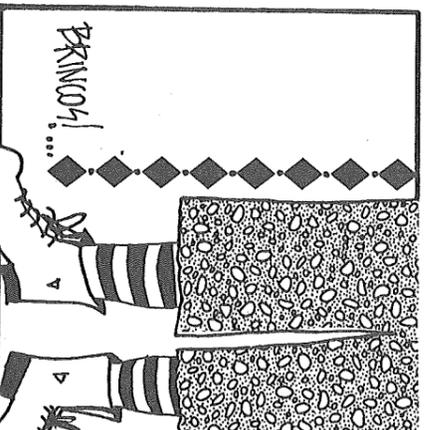
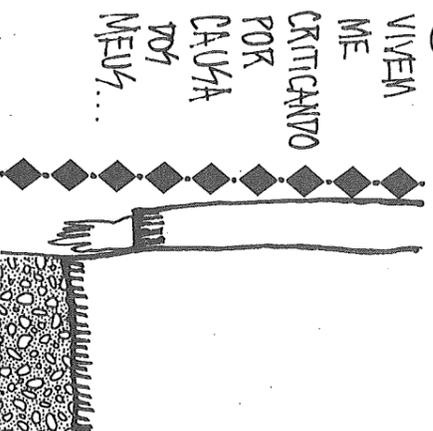
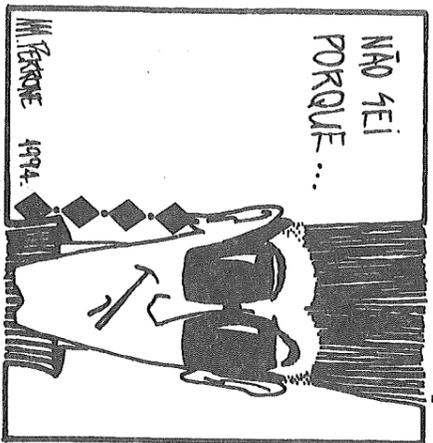
O "DF LETRAS" é de todos!

NELSON PANTOUJA

Editor

## ORTEGA, o pragmático

M. Perrone



Victor Alegria

# As idéias ousadas de um editor

Victor Alegria, 57 anos de idade, 30 anos de Brasília. Incansável na sua mania de lutar pelos escritores de Brasília, marginalizados pelo grandes grupos do mercado editorial brasileiro. Para tanto, conta com sua pequena editora — a Thesaurus — e uma grande ousadia. Ousadia, aliás, que já lhe concedeu o título de ter sido o único editor preso pela ditadura, apenas porque era audaciosamente um editor. Entrevistá-lo é fácil porque não lhe faltam histórias e conhecimento do assunto. Difícil é "discipliná-lo" para uma entrevista, posto que gosta de falar ininterruptamente, ainda com um sotaque lusitano bastante carregado. Esta entrevista deixa-nos ver um pouco da sua ousadia, apaixonada e honesta. Fez críticas e sugestões ao DF Letras; não poupou os grandes grupos e, para finalizar, sonha em reunir na cidade os maiores nomes da literatura mundial.

□ **Luís Rocha**

Jornalista

**DF-Letras — Como é que um conhecido incentivador da literatura recebe o Suplemento Cultural da Câmara Legislativa?**

**Vitor —** Com alegria e críticas. O DF-Letras não fala de Brasília que é a cidade com maior número de prêmios literários. E eles não aparecem no DF Letras!

**O Sr. acha que não?**  
Não com a frequência que merece. O DF-Letras tem que proporcionar informações aos escritores de Brasília. Dizer dos prêmios literários nacionais, para que nossos escritores — os mais premiados nos últimos anos — tenham a oportunidade de correr a tempo.

**Brasília é mesmo esse celeiro ou há um pouco de ufanismo e paixão de sua parte?**

Acho que o número de escritores de qualidade no Distrito Federal está aumentando todos os anos. Uma prova disso são os prêmios recebidos de instituições como Academia Brasileira de Letras, o Bional Nesilé e o prêmio da Associação de Críticos de São Paulo.

**Cite alguns dos premiados?**

Hélio Póvoas Junior, Luiz Manzollilo, Antônio Carlos Osório, Carrazé, Cassiano Nunes e outros que foram premiados nos dois últimos anos.

**Ainda com relação ao DF-**

**Letras, que outras críticas e sugestões?**

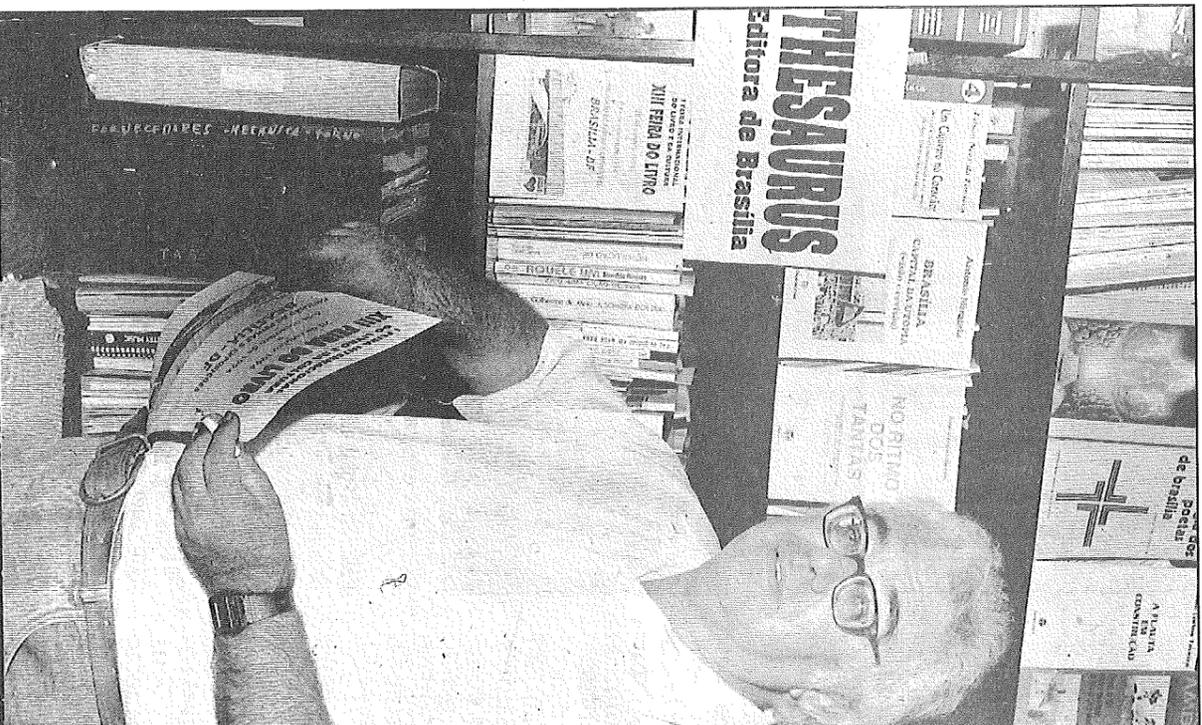
O Suplemento deveria mostrar que no Brasil se publicam livros que não são só os "Best — Sellers", pois estes têm garantido a sua divulgação pelo poder de fogo das grandes estruturas editoriais. O Jornal deve trazer informação editorial sobre os livros publicados no mês anterior. Marcar uma presença constante nos eventos que congregam escritores, mostrando de maneira independente uma crítica honesta e construtiva, tirando o escritor brasileiro da marginalidade a que o relega a falta de divulgação costumeira.

**Como habitualmente percebemos nos jornais diários?**

Os jornais diários dão poucas informações, em virtude de não terem páginas literárias. Além disso, os jornais pensam muito em termos de custos editoriais. E depois é preciso haver a consciência de que a divulgação do documento escrito é essencial ao jornalista e ao escritor.

**Com todas essas dificuldades, digamos estruturais, não falta o que fazer à câmara do livro.**

Criamos a Câmara do Livro do Brasil Central com os seguintes objetivos, entre outros: Promover as associações dos amigos das bibliotecas públicas e privadas; lutar para que o Estado dissemine bibliotecas públicas nas cidades-satélites e entorno, mas de forma que essas bibliotecas se integrem com a comunidade, de



**Alegria: O DF Letras tem que falar mais em Brasília**

molde a manterem um acervo dinâmico e atualizado; conscientizar a rede de livrinhos de que o autor brasileiro merece ser exposto; e sugerir aos jornais a criação de páginas literárias com profissionais de reconhecida qualidade e independência de julgamento.

**Na sua avaliação, as universidades preparam esses profissionais para o jornalismo cultural?**

Não. Um dos termos propostos na Feira do Livro é um debate sobre o jornalismo cultural. Como preparar esse profissional e como incentivá-lo? Além disso, não cremos que o jornalista possa sofrer qualquer tipo de concorrência, porque acredito que ele possa aliar-se e convidar articulista de alto mérito para escrever na sua coluna.

**O Sr. faz restrições ao diploma?**

É impossível um profissional ter uma visão enciclopédica. Jornalista tem que saber escrever. Tem de transmitir os problemas e anseios da sociedade onde vive. Eu penso que esse corporativismo que hoje existe cederá lugar à lógica de que o acesso ao jornalismo se fará pela qualidade, e as escolas terão o mérito de preparar jornalistas para toda uma estrutura técnica e editorial diferente, que é a comunicação. E, finalmente, vale lembrar que existem grandes escritores jornalistas e grandes jornalistas escritores.

**Final, onde estão os vilões de um mercado editorial saudavelmente pobre?**

As estruturas editoriais no país, desde há vinte anos, estão ligadas a grandes grupos econômicos e, obviamente, a grandes interesses. Assisimos, com vergonha, acabar a Campanha Editorial Nacional, criada por Monteiro Lobato. Assisimos a José

Olimpio Editora ser adquirida por um diretor da xerox. A Editora mais antiga do Brasil — a Francisco Alves — praticamente desapareceu...

**O que o Sr. quis deixar nas entrelinhas? A Editora desapareceu mas não foi extinta? Foge do fisco?**

São coisas delicadas. Preferia falar com maior conhecimento de causa. Num outro contexto. É preciso haver seriedade e prudência em certas declarações.

**E o grande vilão?**

O papel. O papel é exporçado a U\$ 380 ou U\$ 400; no entanto, é vendido no mercado interno a U\$ 800 à vista. Se for a prazo chega a atingir U\$ 1.400, o que torna o papel o grande vilão da indústria editorial. Não esquecendo que os insumos do livro, em sua grande maioria, são importados. Nem nos esqueçamos de que nossa rede de livrarias é mínima em relação à extensão territorial brasileira.

**E a inflação?**

Caso seja vendido para os distribuidores em 60 dias, o preço final do livro imbuir a previsão de uma inflação futura que, nos últimos meses, chegou a 90%. Assim o multiplicador de custos para edição normal que deveria ser de 3,5 a 5 passa a ser de dez e até 15.

**Com todas essas dificuldades, como o Sr. trabalha quietamente pelos livros?**

É simples. Não vivo da editora. Seria impossível. Contudo, uso criativamente a ociosidade gráfica. Hoje, usando processos técnicos que unem alta tecnologia informatizada ao mais puro artesanato, produzimos pequenas edições a preços competitivos, assegurando assim a saída das gavetas da maior parte dos textos que têm a possibilidade de ser julgados pelo único juiz válido: o leitor.

**Antes que nos falte espaço, falemos da 1ª Feira Internacional do Livro e da Cultura.**

De 28 de outubro a 06 de novembro, Brasília vai reunir, numa experiência única, os expoentes de todos os países. São nossos convidados dois grandes escritores que participarão do Governo Mandela. Um deles, o Prêmio Nobel Nadine Gordimer.

**Isso faz de Brasília a capital da Cultura?**

Isso mostra que Brasília não é uma cidade de corruptos. Mostra que aqui vivemos, trabalhamos e produzimos cultura. Mostra que temos uma alma.

□ Agenor Gonçalves

# PEDRAS DE MINAS

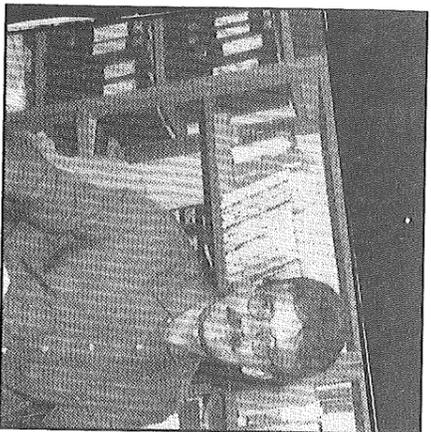
*O que eu tenho de Minas em mim é este sonho de subir montanhas e garimpar estrelas.*

O primeiro traço temático que se nota no livro do poeta Wilson Pereira é o do retorno à infância, a eterna pátria do menino que não morre nunca, um menino sem fim. São poemas onde a infância brota tão pura como as águas do riacho que, sobre pedras claras, ainda canta sua toada, seu chiado barulhinho de coisa inocente; são poemas em que os olhos da meninice espiam na sombra o voo estralejado dos pompos dos beirais, o bovino ruminar dos animais do campo, a mansa cor da vegetação azul; poemas em que o adulto, fechado momentaneamente para o mundo, debruça-se para o fundo de si e se descobre ao mesmo tempo paradoxal e impretérito: poemas em que o poeta está em movimento constante, porque, embora sendo um, é, no seu próprio dizer, "ambos", "um para o futuro/ o outro para o passado".

O segundo traço do livro beira o filosófico. São textos com a deliciosa irreverência de "Imagem", com o transbordante carinho de "As vezes", com a jocosa ternura de "Arte", ou com a comovente simplicidade de "Deus esteja nesta casa", cujo aspecto gráfico é um achado de poesia visual. Um bom exemplo dessa poesia de reflexão sobre o humano-mundo encontra-se em "Nada".

**Nada fomos/ nada seremos/ só o pó/ do que somos// e esses gomos/ de venenos// que destilamos/ por pouco nada/ ou menos?**

O terceiro traço é o da consciência do homem que observa o seu irmão nas ruas do mundo,



Wilson Pereira, o autor

Pela etérea palhada dos meus sonhos os bois azuis repastam brisa e luar e suas leves ancas tecem danças entre as finas e brancas sedas do ar.

Os longos chifres luzem nos relumbres do orvalho que se move devagar e dos úmidos olhos vagam-lumes para o alto, para o além, o algum lugar.

A efêmera manada então descansa e nas palhas da noite se desmancha a rarefeita sede de sonhar.

Aos poucos a manhá azul se impõe e encobre a aura, e espanta o sonho: meus bois azuis refletem no luar.

na luta pela sobrevivência. Aqui o poeta vê o desvalido e o pobre, um peão com sua marmitta (Peão), um menino catador de lixo (Cena), como também vê o rico, "alguém que é o que tem"; alguém que "não devia morrer"; (Castigo), para saber que "é de terra, muita terra mesmo, / que ele precisai/ para preencher-se". (Identidade)

Mas há um quarto traço marcante, onde Wilson Pereira retorna a preocupação com aquilo que Aurtran Dourado chamou de "matéria de Carpintaria" ou João Cabral de Melo Neto denominou "psicologia da Composição": o fazer poético, em que, nas palavras do autor "o poema está no ar/ com seu halo de poesia" ou "é jogo de montar/ a esmo", onde o "leitor, co-autor/ tem de buscar as peças/ em si mesmo".

O poeta agora é o operário do texto, refletindo sobre o poder e a mágica da própria palavra ou encantando-se pela mágica palavra de outros autores, em evidente metalinguagem e intertextualidade. A consciência de que a poesia é mais do que uma estrada de ida, por ser uma troca, faz o poeta refinar a sua arte, a fim de que a sensibilidade do leitor seja pareira da sensibilidade do escritor. Esse pormenor — que considero uma bela evolução da poesia de Wilson Pereira — tem seu desenho mais forte no uso de rimas em praticamente todo o livro. Já em **Menino sem fim** o poeta abandonava os puros exercícios conceitualistas do primeiro livro. **Escavações no Tempo**, e assumia uma postura mais (diríamos) discursiva, embora contida como sempre. Neste **Pedras de Minas**, como Cas-

siano Ricardo de Jeremias - sem chorar e de **Os Sobreventes**, o poeta Wilson descobre que a riqueza em beleza e realça, fluidifica e musicaliza o estrato fônico.

O quinto aspecto do livro é o do amor: amor do adulto pelo menino, amor do homem pela mulher, amor do... exilado por sua terra. São, na realidade, as **Pedras de Minas** que o poeta guardou em si como alguém que as recolhesse no leito dos rios da infância, nos oceanos infundáveis da ternura humana, nos mapas azuis da pátria distante, uma grande coleção de sigilosos guardados.

Por saber que "para a poesia não tem vacina" (contágio), que "as palavras/ são pedras estranhas" (**Pedras**), que "um homem tem os olhos floridos" e que "o amor/ é mais que sentimento", o poeta Wilson Pereira é "tal e qual/ meio pedra/ meio pau/ meio ar/ meio ave", mas sobretudo "arve e mineiral". Só um autor possuidor de tal tesouro criaria em seu curral de sonhos estes belíssimos bois azuis.

**As Pedras de Minas**, que agora o poeta Wilson Pereira nos doa, tornam-nos mais ricos, mais sonhadores, mais infantis e mais seguros, consequentemente, de que se o mundo continua difícil, torna-se às vezes amável, e de que a vida, apesar da aridez, pode também cantar. Basta-nos somente saber — de vez em quando — virar meninos ou virar garimpeiros.

■ Agenor Gonzaga dos Santos é poeta, cronista, ensaísta e professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas-MG.

## Cultura do DF, um Processo em Formação

Fala-se de cultura como se esta fosse apenas o conjunto de manifestações artísticas de um povo ou grupo determinados. "Mestre Aurelio" define este termo como "complexo de comportamento, das crenças, das instituições e outros valores transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade". Exige-se, então, a existência de fato de uma sociedade organizada que pressupõe a presença do ser como cidadão. Chegamos à cidadania e, à dignidade que é matriz determinante da

definição do termo Cultura. Granjearemos meios que permitam a aproximação do Homem-social do cidadão, é criar ambiente adequado para o fortalecimento do processo cultural. Neste aspecto, privilegiados por assistir à concretização de uma sociedade de fato, em pouco mais de 30 anos percebemos que a velocidade da evolução não está ligada à qualidade do resultado. Uma cultura própria e nova, fruto aprimorado da contribuição do cadinho de origens de nossa população se consolida na medida

em que os itens concernentes à dignidade da pessoa humana vão sendo completados. Cada governo será lembrado pela maneira em que contribuiu para o aprimoramento da sociedade, e certamente teremos um papel destacado na medida que o Parlamento local, norteou as instituições através da Lei Orgânica do DF, alcançando degraus mais altos na escada das necessidades da organização social, base do perfeito desenvolvimento do processo cultural.



Fernando Naves — PP

# A Presença do Brasil na Cultura de Cabo Verde

□ Cassiano Nunes



De igual modo que o Modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de 30, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do país, o movimento **Claridade**, no Cabo Verde, surgiu em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipélago. Encontrou a autor consagrado de **CHIGUINHO**, no Brasil literário da época, o modelo de trabalho e inspiração. Tornou-se lendária a amizade entre Baltasar Lopes e Ribeiro Couto, santista, poeta e contista de alta qualidade e criador da "teoria do homem cordial brasileiro". A influência dos escritores Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Jorge Amado e alguns autores nordestinos como Jorge de Lima e Amado Ferverianos, tornou-se fato evidente. Temos prova disso ao lermos as numerosas entrevistas de autores caboverdianos, coligidas por Michel Laban em dois volumes indispensáveis para o estudo da literatura da antiga colônia lusa.

Num ensaio "Cabo Verde visto por Gilberto Freyre", Baltasar Lopes explica como a leitura de certos autores modernos brasileiros concorreu para que ele e seus companheiros de geração comesçassem a ver analiticamente a sua terra. Eis algumas das suas palavras: "Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começamos a pensar no **nosso problema**, isto é, no problema de Cabo Verde. Precupávamos o processo de formação destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. "Entrevíamos o problema

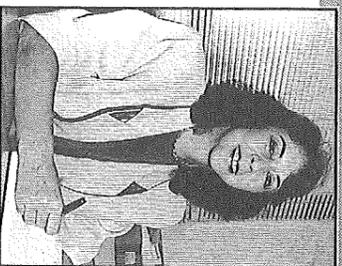
mas faltava-nos a especialização e também a experiência deste tipo de estudos. Se exceptuarmos um ou outro domínio, como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da etno-cultura, do folclore entendido como ciência.

"Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir como auxílio metodológico e como investigação de outras latitudes.

Ora aconteceu que por aquelas alturas nos cairam nas mãos, fraternalmente juntas num sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais **pro domo nostra**. Na ficção, o José Lins do Rego do **MENINO DE ENGENHO** e do **BAN-GUÊ**, o Jorge Amado de **JUBABÁ** e do **MAR MORTO**; o Armando Fontes d'**OS CORUMBAS**, o Marques Rebelo do "Caso de Mentira", que

conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um alumbamento a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro por menor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas na minha Vila da Ribeira Brava.

A descoberta da poesia nordestina que o modernismo permitiu eclodir, após alguns anos de sua irrupção, contou sendo feita pelo autor do **CHIGUINHO** que con-



**Maria de Lourdes — PSDB**

Os artigos 215 e 216 da Constituição brasileira garantem o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional. Apóiam e incentivam a valorização e a difusão das manifestações culturais, bem como definem o patrimônio cultural brasileiro. Como constituinte acreditado que avançamos bastante, embora muita coisa pudesse ser conquistada se a regulamentação das leis ordinárias e complementares estivesse

concluída. Uma das maiores reivindicações populares feita na Constituinte foi a regionalização das atividades culturais. Artistas do Brasil inteiro lembravam da influência do eixo Rio-São Paulo na vida artística brasileira e a dependência dos artistas destas cidades. Transferindo esta discussão para o Distrito Federal, necessário se faz a urgente descentralização das atividades culturais do Plano Piloto

para as cidades-satélites, onde reside 75% da população brasileira. Foram criados os Conselhos da Cultura que, sem maiores incentivos, pouco realizam nas satélites, tão desprovidas de teatros, centros culturais e promoções artísticas.

Uma política cultural seria oportuna para assegurar o que já existe no Plano Piloto e criar alternativas para as populações das cidades-satélites.

## A Regionalização da Cultura

tos dos escritores. Tem na sua frente o modelo. A partir daí, tudo foi relativamente fácil — e impressionante”.

Eis o que ele diz sobre a África e sua influência no Cabo Verde. Assim responde a esta pergunta “E a África?”. “Não, África não existe, realmente. Por mais que os africanistas caboverdianos queiram, eles vão perder completamente a batalha, porque a África é realmente diluída, muito diluída. Será a caboverdianidade como é a cubanidade e já está a ser o problema da antilhanidade”.

Teixeira de Sousa, respectado médico nutricionista, que é também importante romancista de Cabo Verde, também fala do seu conhecimento das letras brasileiras, que, entre as décadas de trinta e cinquenta, salientaram-se fundindo atualidade e autenticidade: “Atraves dos **claridosos**, tomamos conhecimento da nova vaga literária que assolava o Brasil com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amanda Fontes, Ribeiro Couto à cabeça. Também ficamos empolgados com as vozes que vinham do nordeste brasileiro, cujo ambiente humano se assemelhava ao nosso”. O

consista de CONTRA MAR E VENTO esclarece ainda melhor o seu pensamento: “A mensagem presentista desparatizou as vocações literárias levando-as em busca da via pela qual pudessem escrever. A via foi iluminada pela corrente renovadora brasileira da década de 30”.

Luis Romano, de raízes afro-luso-judaitas, vive no Brasil desde 1967. É técnico na indústria salineira e radicou-se no Rio Grande do Norte. É autor do romance FALMINTOS. Em vez de relatar relações literárias, ele prefere comparar estilos de vida: “Após o primeiro impacto, compreendi que o homem nordestino não era senão outro irmão meu: caboverdiano com costumes parecidos e vida quase semelhante. A grande diferença entre eles é que o primeiro vive num país contíguo e o segundo nos penhascos de sua ilha. Ambos resistem, com a alternância de fome e fartura, identi-

cos problemas de desnutrição e desajustamentos sócio-econômicos. A principal realidade social que constatei foi a seguinte: o caboverdiano mantém-se na pobreza endêmica e o nordestino vive na miséria diária. Desse fato criou-se um paralelismo irramático entre irmãos separados pelo mar ligados, porém, pelo escrivismo do monstro secular: o latifúndio”.

A docura brasileira (a “mora-beza” caboverdiana) atrai Orlanda Amarilis, esposa de Manuel Ferreira. Leu Graciliano Ramos, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e gostou especialmente de VIDA E MORTE SEVERINA, de João Cabral de Melo Neto, e de O TEMPO E O VENTO, de Erico Veríssimo.

Januário Lopes, sobrinho-neto de José Lopes, na juventude era comparado ao nosso Castro Alves, em virtude de sua basta cabeleira negra. Foi naturalmente leitor do poeta do “Navio Negroiro”, de Castilho de Abreu, de Olavo Bilac. Os velhos almanaqueques de Lembranças e Bertrand, segundo esse escritor, difundiram os escritores referidos não só em Portugal como também em Cabo Verde. Adolescente, fui leitor do Almanaque Bertrand que me revelou, sobretudo, as poetas portuguesas: Branca de Gonta Colaço, Virgínia Vitorino, Alice Ogando, Fernanda de Castro...

Januário Leite dá o seu testemunho: “Só tive conhecimento do modernismo brasileiro a partir de 47, pelo meu tio Baltasar que me deu os livros. Então comecei a conhecer o Mário de Andrade, Bandeira, o Ribeiro Couto, o Jorge de Lima, o Augusto Frederico Schmidt, depois deles, o Drummond, o Ledo Ivo, o Melo Neto e também a ficção em prosa. Em 1947, comecei a conhecer os contos admiráveis de Marques Rebelo”. Lendo o “Quincas Berro d'Água” de Jorge Amado, o caboverdiano encontrava o ambiente da sua ilha de São Vicente. Acentua a semelhança entre brasileiros e caboverdianos e conta que seu tio Baltasar Lopes lhe mostrou algumas vezes cartas de Manuel Bandeira, Ribeiro

Couto e Jorge Amado. Lembra, finalmente, que o conhecido músico caboverdiano B. Léza introduziu, na música a moda, o meio-tom brasileiro. Corsino Fortes, poeta que vive o prazer de conhecer pessoalmente, sugere que, no seu poema “Do Nó de Ser ao Onus de Crescer”, há uma possível influência do poema “E, agora, José?” do autor da ROSA DO POVO. Arménio Vieira, na prisão, recebeu, de companheiros, livros de Manuel Bandeira. João Varela coloca, a meu ver, corretamente Jorge de Lima entre os grandes poetas do século. Eliot, Pound, Quasimodo, Pes-

**“De igual modo que o Modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de 30, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do país, o movimento Claridade, no Cabo Verde, surgiu em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipelágo”.**

soa, Kavañis e Nerruda. Jorge Carlos Fonseca salienta a importância de Jorge Amado e Erico Veríssimo. Jorge Miranda Alama recorda que o grupo de seus amigos imitava atitudes de “os pastores da noite”, inventados por Jorge Amado, ao passo que Ovídio Martins incrustava Pasárgada no seu mundo poético. Doutra geração — a do momento maduro para a revolução — o herói-mártir Amílcar Cabral acusa os **claridosos** de evasivistas e de admiradores aristocráticos de Pasárgada. Ignorava por certo o lutador patriota a simplicidade de vida do poeta do Becco das Carmelitas.

José Osório de Oliveira, ensaísta luso, muito afeiçoado ao Brasil, tendo chegado a acreditar numa pequena mas fina História da Literatura Bras-

leira, repartia essa paixão ultramarina com o Cabo Verde. Ele estava perfeitamente habilitado a fazer uma análise comparativa entre as duas culturas. Destarte, assim se manifestou: “Os caboverdianos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os Estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdianos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso pelos novos ensaístas brasileiros, os caboverdianos descobriram o seu caminho. Um grupo se formou com o nome de “Claridade”.

É sabida a origem do nome do grupo caboverdiano “Claridade”. Proveio do movimento lançado, na França, após o desconsolo da 1ª Grande Guerra, por Henri Barbusse, autor dos livros antighuerreiros e antimperialistas LE FEU e CLARTE. A corrente repercutiu bem na Argentina onde se fundou importante editora chamada “Claridad”. Tanto quanto sei, ela era fortemente política e esquerdista. Curiosamente, em Cabo Verde, perdeu as características políticas. Como Gilberto Freyre, Baltasar Lopes foi até admirador de Charles Maurras, apóstolo da direita. No Brasil, “Clarite” inspirou o grupo de escritores rebeldes ZUMBI, conforme testemunho do comunista e franciscano Afonso Schmidt. No livro SAO PAULO DOS MEUS AMORES, o poeta do Cubatão primitivo nos deixa o seu testemunho romântico. Schmidt informa que, no Rio de Janeiro, chegou a sair uma revista chamada “Claridade”.

Houve possivelmente bastante correspondência entre escritores caboverdianos e brasileiros. Por isto, deixo aqui uma sugestão: a publicação dessas cartas. Esse relacionamento epistolar evoluiu para atividades de solidez literária. Livros caboverdianos, desta maneira, chegaram às mãos de editores

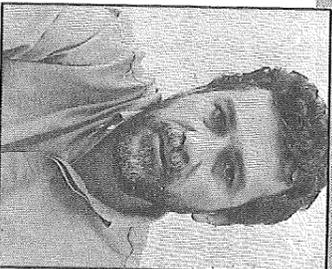
brasileiros. Essa correspondência, que trata de relações literárias entre o Brasil e o Cabo Verde, praticamente desconhecida no nosso país, merece ser divulgada. É o que demonstra uma carta cordial de José Osório de Oliveira a Manuel Lopes, que aqui vou transcrever:

“Poeta: Antes do mais, no “Boletim de Ariel” (Rio de Janeiro — R. Senador Dantas, 40 — 5ª a — Ano VI), de janeiro deste ano, vem um artigo meu onde se lê: “Dois poetas do Cabo Verde, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, vão dar-nos, o primeiro, ARQUIPÉLAGO, e o segundo, MOMENTOS, dois livros de versos sobre o drama e a alma das “ilhas croulas”. Um filólogo que se fez romancista — intraculosa transformação — vai dar-nos o romance do Cabo Verde. Chamase o mitraculado Baltasar Lopes da Silva e o romance EXPANSÃO”.

Não lhe mando essa revista porque, apesar de ser o correspondente em Portugal, não a recebo, tendo de a comprar dado o desleixo dos brasileiros. Mas mande à redação a “Claridade”, pedindo a permuta e o envio desse número de janeiro”.

Através da correspondência, José Osório de Oliveira recomenda a Baltasar Lopes que mande o seu romance para um editor brasileiro por intermédio de Lins do Rego ou Gilberto Freyre. Recomenda-lhe também que remeta a revista “Claridade” a Ribeiro Couto que muito se interessa por Cabo Verde (endereço: 136, Van der Astraat, La Haye, Pays Bas). Aconselha que faça o mesmo para Jorge de Lima (Praça Floriano, 55 — 11º andar — Rio de Janeiro), e para Mário de Andrade (R. Lopes Chaves, 106 — São Paulo).

Ainda recentemente lendo a biografia de Jack Kerouac, de Ann Charters, pude verificar a importância da correspondência para a compreensão de uma obra literária. É uma pena que, nos departamentos de Letras das nossas universidades, se dê tão pouca importância ao material epistolográfico.



**Geraldo Magela — PT**

## Contra o esvaziamento cultural de Brasília

Desde que os órgãos nacionais de comunicação retomaram a campanha pela volta da capital da República para o Rio de Janeiro, muitos ministérios embarcaram no movimento e fazem manobras de esvaziamento gradativo de Brasília.

O Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) e o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), segundo os

decretos que os criaram, devem ser sediados em Brasília, mas esta determinação nunca foi respeitada.

Quem descaracterizar Brasília como pólo de integração política, científica e cultural do país.

Este movimento é um retrocesso para o Brasil, pois com a transferência da capital para o Centro-Oeste, o país ganhou em todos os sentidos. Ocupou fisicamente grandes extensões de

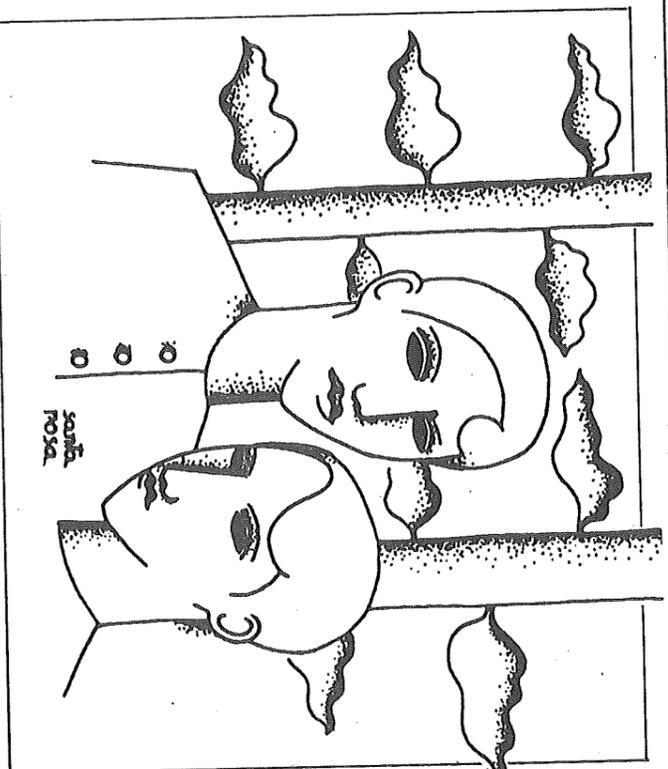
terras ricas e abandonadas e

recuperou o sentido de nacionalidade ao voltar suas atenções para milhares de brasileiros cuja cultura não era respeitada nem conhecida nacionalmente.

Defender Brasília não é uma atitude provinciana. Significa a defesa da diversidade cultural, a consolidação do Centro-Oeste como pólo de desenvolvimento para o Brasil.

L'INFINITO (1819)

Sempre caro mi fu quest'erno colle,  
E questa siepe, che da tanta parte  
Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude.  
Ma sedendo e mirando, interminati  
Spazi di là da quella, e sovrumani  
Silenzi, e profondissima quiete  
Io nel pensier mi fingo: ove per poco  
Il cor non si spaura. E come il vento  
Odo stormir tra queste piante, io quello  
Infinito silenzio a questa voce  
Vo comparando: e mi sovien l'eterno,  
E le morte stagioni, e la presente  
E viva, e il suon di lei. Così tra questa  
Immensità s'annega il pensier mio:  
E il naufraga m'è dolce in questo mare.



O Infinito

Sempre cara me foi esta erna colina  
E a cerrada sebe que de tanta parte  
Exclui o olhar do último horizonte.  
Mas sentando e mirando, interminados  
Espaços de além daquela e transumanos  
Silêncios e profundíssima quietude  
Eu no meu pensar me finjo, onde por pensar  
Não se espanta o coração. E como o vento  
Ouço aflar entre estas plantas, eu aquele  
Infinito silêncio a esta voz  
Vou comparando: e me recordo o eterno  
E as mortas estações, e esta presente  
E viva, e o seu rumor. Assim por esta  
Transfinitude se afoga o meu pensar  
E o naufragar me é doce neste mar.

# O Idílio Leopardiano do Transfinito

■ **Ronaldes de Melo e Souza**

Na extraordinária obra poética de Leopardi, notabilizam-se os curtos cantos líricos, concebidos e redigidos entre 1819 e 1821, e compostos de hendecassílabos soltos. O estatuto peculiar destas admiráveis composições é caracterizado pelo próprio poeta, que as distingue com a particularíssima denominação: **idílios**. A originalidade desta caracterização se patentiza quando se compreende que o idílio a que se refere Leopardi não designa a pequena e co-nhecidíssima composição lírica de caráter pastoril, mas, sim, a dramática representação de uma experiência anímica, que se consuma na intuição e na consciência da finitude radical da existência humana. Destes idílios dramáticos ou destas excursões anímicas, a prioridade, não só cronológica, mas

também axiológica, pertence a esta obra-prima que se denomina **L'Infinito**, cujo sentido, problemático desde o título, solicita uma elucidação hermenêutica.

Os quinze hendecassílabos soltos deste incomparável idílio são regidos pela dialética da rápida sucessão rítmica e da brusca suspensão anti-rítmica. O primeiro verso, um trocáico, termina por duas palavras fortemente sofridas pelo acento: **ermo colle**. Este ritmo de transe se repete nos extremos terminais dos dois versos sucessivos que perfazem o primeiro período: **tanta parte, guardo esclude**. Articulado por uma adversativa balanceada por dois gerúndios, o quarto verso constitui uma retomada do movimento rítmico, que se distende na pulsão sincopada dos encavala-

mentos desdobrados em adjetivos ainda mais indeterminados do que os anteriores: **interminati, sovrumani**. O oitavo verso contém uma pausa interna fortíssima, e os hiatos suscitam silêncios reforçados pela ruptura da dicção entre **io** e **quello**, no verso nono. Acentuado pela tensão dialética de **questo** e **quello**, o descaimento rítmico se propaga no truncamento das oxítonas, ampliando-se na repetição dos conectivos que conduzem ao último

verso, um hendecassílabo que, como o primeiro, não é a maiorie nem a minoria. A singularidade máxima do idílio se atesta, portanto, na fratura extrema do travajamento sintático e do paralelismo fonosemântico.

Em consonância com o conceito leopardiano de harmonia, o grandioso final, que assume quase o valor de rima, reproduz a estrutura interna do verso inicial: expressões dissilábicas, posição central do verbo e do eu que se poematiza no dezanéio do infinito. Resta saber, no entanto, quem é o sujeito desta enunciação e, sobretudo, o sentido de seu naufrágio. Sabe-se que a primeira intuição crítica que se torna canônica para o esclarecimento da obra leopardiana é a de Vincenzo Gioberti. Na visão giobertiana, a lei fundamental da poesia e da poética de Leopardi se traduz no contras-

“  
Transfinito  
é o infinito  
composto do  
finito  
”

## Jornal na Formação dos Jovens



**Cláudio Monteiro — PPS**

O deputado Cláudio Monteiro (PPS) reapresentou na Câmara Legislativa seu projeto de lei que cria no âmbito da Fundação Educacional do Distrito Federal o "Programa de Leitura de Jornais em Salas de Aula". Seu argumento é o de que jornal, além de veículo de formação e informação é acima de tudo cultura. "Precisamos criar em nossos jovens o hábito de leitura e a convivência com o pluralismo de idéias", afirmou Cláudio Monteiro ao insistir na sua proposta, vetada pelo governador Joaquim Roriz mesmo tendo sido aprovada

anteriormente pela unanimidade dos deputados distritais. Cláudio Monteiro entende que o programa de leitura de jornais em salas de aula, nos moldes em que ele defende, estimulará o senso crítico dos estudantes, ampliará o conhecimento de assuntos que dizem respeito ao desenvolvimento da sociedade e do bem-estar coletivo do indivíduo, sua história e tradições, direitos e deveres, necessidades e aspirações. Isso, afirma o deputado, resultará na indução do jovem para a sua participação na coletividade, além, claro, de proporcionar

uma vivência cultural mais profunda. Na avaliação de Cláudio Monteiro o Poder Legislativo não pode submeter-se ao Executivo ao aceitar passivamente um veto do governador às suas propostas, como aconteceu com o projeto de leitura de jornais em salas de aula. "Não podemos desperdiçar a intenção de prover o sistema educacional de instrumento tão importante para a formação da consciência crítica dos estudantes e até para o seu aprendizado", concluiu.

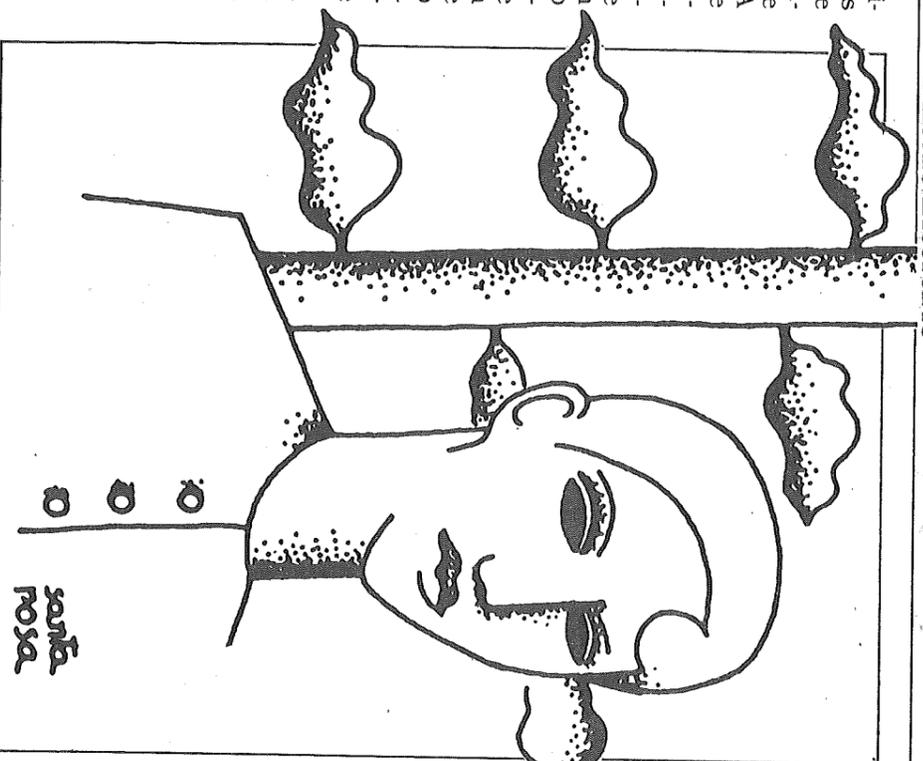
gime de fascinação da estranha potência de nadição do horizonte extremo, liricamente disposto e tragicamente frustrado no anelo dramático de se conseguir o acesso ao inefável sentido do infinito sempre visível aos olhos da imaginação, mas nunca acessível aos passos e trâmites da reflexão. Ao fim e ao cabo, o sujeito lírico se nos revela dividido entre duas solicitações contrárias e contraditórias, e o seu naufrágio apenas confirma o desenredo catastrófico do irreduzível antagonismo dramático. Impensada, porém, permanece uma questão essencial: o infinito e o finito são pólos antagônicos na experiência leopardiana do poeta pensante?

As minuciosas análises estilísticas de Giuseppe de Robertis, Mario Fubini, Emilio Bigi, e os valiosos ensaios de Walter Binni e Cesare Lupatini situam a poesia e o pensamento leopardiano na vanguarda literária e cultural da Europa otocentista. Leopardi é, conforme demonstra Franco Brioschi, o instaurador da moderna lírica italiana. Na formulação de Antonio Prete, a modernidade leopardiana se comprova na interpenetração dinâmica do poeta e do pensar, de que resulta um poeta pensante, a que corresponde um pensar poético. É preciso, contudo, extrair as consequências requeridas pela decantada radicalidade desta revolução estético-literária. O alado impeto rumo ao absoluto denuncia tão-somente o legado anti-teológico da tradição ontológica da metafísica. A versão literária deste idealismo filosófico e deste misticismo religioso se dramatiza na romântica nostalgia do infinito. O nirvânico desejo de se afo-

gar na infinitude das origens primeiras e dos fins últimos já se reconhece como o alicate permanente da inspiração poética de Gessner, Young, Mazza. A extraordinária novidade do idílio leopardiano consiste precisamente na refutação categórica da vocação lírica e metafísica, que privilegia a infinitude em detrimento da finitude. Ao símbolo escatológico do último horizonte, a que se reporta a noção metafísica do infinito, prontamente se contrapõe a imagem do finito duplamente delimitado pelo **ermo colle** e por **questa siepe**. Este seiro e esta sebe são queridos, porque restringem o campo visual, delimitam o espaço cênico, convertem a visão inteligível do infinito na contemplação sensível do finito. Instante e circunstante, a sebe fixa os limites da perceptibilidade, configurando uma dimensão puramente telúrica e mundana, e, ao mesmo tempo, excluindo a visão mística do ilimitado escampo da infinitude.

Exurgindo de uma técnica de anulamento perceptivo em que se realiza uma desejada limitação do olhar, o devaneio idílico não é uma excursão rumo ao superlativo além-transmundano, mas, sim, uma singularíssima incurção na espessura existencial deste mundo espacialmente limitado e temporalmente finito.

A inovação radical do poeta pensante de Giacomino Leopardi se condensa na enunciação da natureza ilusória do infinito. A tese de que o infinito é uma ilusão metafísica se converte num dos motivos recorrentes das reflexões acerca da cultura e da literatura da antiguidade em confronto com a modernidade, que Leopardi registra, de julho de 1817 a de-



torna indefinido por obra e arte de um delimitante visual, de um horizonte real. Escrever idilicamente significa circunscrever a finitude, e não se dissolver na infinitude.

O contraste dramático entre a ilusão lírica e a desilusão trágica não é, conforme pretende a tradição crítica, a chave hermenêutica do fingimento idílico. E não o é por três razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque o sujeito idilicamente poemmatizado denuncia o infinito como uma mera ilusão. Na ilusão do infinito, o genitivo é objetivo, e não subjetivo. O infinito ilude, mas a **persona ficta** do poeta pensante não se deixa iludir. Em seguida, porque o contraste leopardiano se dá entre o finito e o indefinido, e não entre o finito e o infinito. Finalmente, porque o eu que se compraz na visão do finito pontuado pelo indefinido não experimenta nenhuma cisão dolorosa ou desilusão trágica, mas, sim, um plexo de sensações agradáveis (**Circa le sensazioni che pracione pel solo indefinito puoi vedere il mio idillio sull'Infinito**) (Agosto 1821). No **Zibaldone** se propõe até mesmo uma teoria do prazer solidariamente vinculada ao sortilégio poético do indefinido: do sugerido, do interrompido. De acordo com esta doutrina estética literariamente consubstanciada numa estilística da sugestão, tudo que desperda idéias indefinidas provoca sensações agradabilíssimas. Enumeram-se, por notáveis exemplos, os objetos apenas entrevistos devido a impedimentos, a luz solar ou lunar, contemplada de um ponto em que não se divisa a fonte luminosa, um lugar parcialmente iluminado, e os variados efeitos materiais

zembro de 1832, numa espécie de diário intelectual que se intitula **Zibaldone**, publicado pela primeira vez, em sete volumes, entre 1898 e 1900, pela comissão presidida por Giuseppe Carducci e, mais recentemente, acessível na edição de Walter Binni (**Zibaldone di Pensieri**, Firenze, 1976). No estilo sincopado destes fragmentos estéticos, o infinito se define como um sonho sem sonhador, um postulado meramente fantástico, uma idéia contraditória e metafisicamente falsa. Não há o ilimitado: algo sem limites equivale a coisa nenhuma (1 Maggìo, 1826). O infinito não é, senão o inexistente, o não-ser, o grão nulo do nada (2 Maggìo, 1826). Sejam cognitivas, afetivas, volitivas ou imaginativas, as facul-

incenivar os músicos da Cidade, muitas vezes sem oportunidade de divulgar seu trabalho.

Alguns países adelantados já dispõem de locais públicos fixos, em área de grande circulação, para a apresentação de músicos e artistas em geral. São cantores, guitarristas, violinistas, violonistas e outros artistas, que a critério do público, recebem incentivos através de moedas deixadas nas capas dos instrumentos. "Na Inglaterra, eles são chamados de "baskers" e se

## Músicos do DF se Apresentarão em Praças Públicas

Os espaços públicos de Brasília estão prestes a "mudar de cara" para dar lugar a apresentações artísticas e musicais. É que a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo está analisando a implantação de uma indicação de autoria do deputado Tadeu Roriz (PP), que cria locais específicos, em áreas públicas, para a apresentação de músicos e artistas profissionais e amadores. A proposta, aprovada por unanimidade na Câmara Legislativa, visa popularizar a arte no Distrito Federal, além de



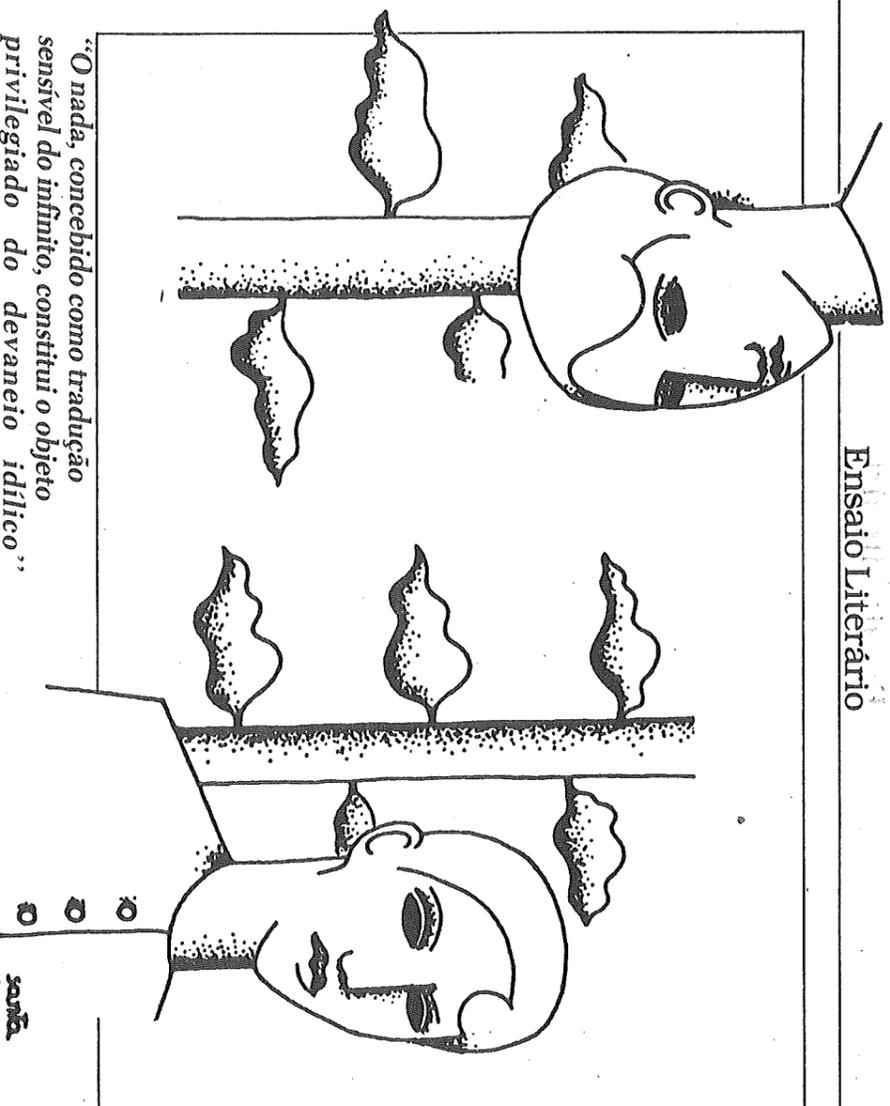
Tadeu

Roriz — PP

apresentam em áreas selecionadas pela prefeitura. Os horários são divididos, de forma que na mesma praça se apresentem vários músicos durante o dia", explicou Tadeu Roriz. O Deputado acrescentou ainda que muitos músicos hoje de renome internacional começaram a divulgar seu trabalho em praças públicas. Tadeu acredita que muitos músicos desempregados do DF poderão se beneficiar com a indicação, que vai atuar, principalmente, como educação à população.

que decorrem dos reflexos da luminosidade, e a propagação difusa do jogo das luzes e das sombras. Para este prazer contribui a variedade, a incerteza, o não-ver tudo e, por isso mesmo, o poder espacelar com a imaginação o que não se vê (*A questo piacere contribuisce la varietà, l'incerteza, il non veder tutte, e il poter percipi spaziare coll'immaginazione, riguardo a cio che non si vede*) (20 Setembro 1821). Sentando e mirando, o eu que se poematiza vislumbra, imagina, para além da sebe, os espaços interminados e os transumanos silêncios.

O idílio leopardiano é o *idyllium*, o *cidyllion*, diminutivo de *eidos*, forma, aspecto. Supõe uma visão restrita e confinada. Recusa o olhar eidético, metafísica e nostalgicamente devotado à contemplação mística das idéias arquetípicas ou das essências intemporais. O eu que se finge no devaneio idílico é o que se forma numa intuição puramente sensível do espaço demarcado pelo horizonte, e que se representa detido no impulso intempetivo de se ultrapassar e diluir-se na excessividade caótica do indiferenciado. **Sempre caro mi fu quest'erme colle. Mi fu** não se refere ao passado. O que passou não se compatibiliza com o adverbio **Sempre. Fu** é um pretérito mitopoético, que evoca um sucesso de uma vez por todas acontecido, e que, por isso mesmo, se torna vigente para sempre. Situado exatamente no meio do verso inicial, este verbo centraliza um destino vital, assinala uma experiência fundamental, adensa e concentra um drama de auto-reconhecimento, que se explica nos



“O nada, concebido como tradução sensível do infinito, constitui o objeto privilegiado do devaneio idílico”

Souza  
Fonseca

três momentos essenciais do poema. O primeiro se atualiza numa adesão espacial de natureza involuntária, indeterminada e dispersa, que seduz a alma e a conduz ao limiar da vereda abissal de um nada desconumal, onde o coração presente o pavor do aniquilamento diluvial (... **Per popo/11 cer non si spaura**). A pausa interna fortíssima deste oitavo verso acentua justamente a suspensão anti-rítmica da pretensa excursão antimica rumo ao ominoso abismo. O segundo momento se realiza numa reconstituição temporal, articulada por uma soleníssima sensação auditiva, em que o raptó animico é neutralizado e contido pela misteriosa voz do vento (... **E come il vento/Odo stormir tra queste piane...**). A profunda conscientização provocada pela trama fono-semântica deste murmuro momento se

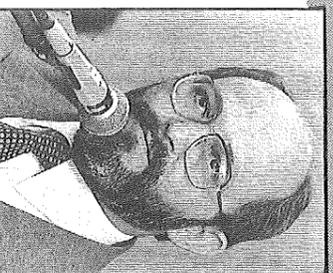
clarifica quando se nota que **anima** deriva de **anemos**, vento. Em grego, espírito se diz **pneuma**, o **spiritus** dos latinos, o alento, o sopro. **Pneuma** e **spiritus** provêm de **pneó** e **spiro**, ambos significando respirar (**Zibaldone**, 4 Fevereiro 1821: 15 Maggio 1821). Resistindo ao raptó mortal, o ruflar do vento e o sussurrar da alma são o anverso e o reverso de um mesmo aspirar o alento vital. Enfim, o terceiro momento se consuma numa fusão do espaço e do tempo, de que resulta uma dimensão em que a existência se verticaliza na matéria vertente da recordação do que foi, do que é, do que será. Tudo para suspensão na fuga remissiva da música silente (... **e mi sovien l'eterno/E le morte stagioni, e la presente/E viva, e il suon di lei...**).

O moto perpétuo do

tempo é a matéria vertente do eu que se converte no guardião do duplo domínio do vivo e do morto (... **e mi sovien l'eterno...**). **Subvenire**, vir do fundo do que foi (**fu**), exsurgir da mais recôndita intimidade da alma, trazer ao coração o selado segredo do espírito. O eterno não é o ser, mas o advir e devir no horizonte móvel das estações existenciais. Não há simplesmente o **eterno** ser. Ao invés de exprimir o infinito, o interminável, o imortal, a idéia leopardiana da eternidade significa o finito, o que foi (**defunctus**), o adormecido subterrâneo morto (**L'idea dell'eternità entra in quella di ultimo, finito, passato, morte**) (30 Maggio 1822). A eternidade não se contrapõe ao temporal, ao sensível, ao mortal, mas se compõe da própria temporalidade. O infinito provém do finito.

eis a genuína descoberta leopardiana: a idéia de uma grandeza infinita deriva da grandeza que cai sob os sentidos, e não é obra totalmente da imaginação, pois, como já disse, a imaginação frequentemente se compraz no circunscrito por não ver mais do que o bastante para poder imaginar (*l'idea di una grandezza infinita deriva da quella grandezza che cade sotto i sensi, e non e opera tot a l m e n t e dell'immaginazione, laquale come ho detto, si compiace alcune volte del circoscritto, e di non vedere piu che tanto per potere immaginare*) (25 Luglio 1820). A imaginação não é uma aspiração ao infinito, nem um voo cego no vazio nirvânico, mas uma inspiração (**pneuma**) do finito. O poeta nomeia, portanto, dois infinitos: o **infinito contraposto ao finito**, que se denuncia como uma ilusão ótica, e **infinito composto do finito**, poeticamente delineado na espessura existencial do horizonte circunscrito pela finitude radical da natureza, inclusive a humana. Postulação de uma essência absoluta. O infinito não é, senão enquanto devem na geração de uma existência finita. A vida não subsiste, senão porque a morte existe. O morto nunca é passado, mas o **eterno finito**, por ter sido e permanecido o que foi e sempre será: **uma presença ausente**. Completamente alheio e estranho ao infinito da essência, o infinito da existência é, na verdade, o transfinito poematizado nos três etapas do tempo. **Transfinito é o infinito composto do finito**.

■Ronaldes de Melo e Souza é professor de Teoria Literária da Universidade de Brasília



Maurício  
Silva — PP

Brasília tem um problema sério em relação à cultura, normalmente confundida com educação. São duas áreas relacionadas, porém distintas, e investir em educação apenas não implica resolver os problemas do setor cultural da cidade. Em mais de 30 anos no DF tenho observado a dificuldade de se instituir aqui uma produção artística definida, com a “cara” de Brasília.

Sou co-autor do projeto de Incentivos à cultura e que resultou na lei Nº 158/91, regulamentada pelo decreto 13674, de 1991. E,

## Por uma Tradição Cultural na Cidade

mais que um mero observador, tenho estudado formas de abrir espaço à implantação de uma política cultural para a cidade. É certo que temos aqui a junção de várias culturas, provenientes dos diversos estados brasileiros com representantes no DF, pessoas de outras localidades residentes em Brasília. Esse fenômeno dificulta a identificação de um traço que defina a cultura candanga, como acontece em outros estados, onde basta assistir a um espetáculo ou visitar feiras de artesanatos para reconhecer a origem cultural da obra.

Para que cheguemos a essa definição, credito que só através de mais incentivos, além dos já alcançados com a lei nº 158/91, obteremos um resultado favorável. Mais discussões em torno do assunto também vão favorecer um discernimento nas artes brasileiras. Cultura demanda tradição, preservação de costumes e a vontade de uniformizar tudo isso, desenhando assim um perfil da Capital da República, em seu aspecto até histórico. Cultura não se produz do dia para a noite, mas pode começar a ser reforçada desde já na cidade.

# O Modernismo em Minas e o Grupo de Cataguases



□ Ronaldo Cagliano Barbosa

"Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases!". Com esta exclamação, o célebre escritor Ribeiro Couto inaugurava a reação dos intelectuais dos grandes centros diante do aparecimento da **Revista Verde**, arauto de uma corrente literária surgida em Cataguases, na década de 20, chamado Movimento Verde, tendo como signatários Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino César. Estava definitivamente fundada uma vertente mineira do movimento

paulista, anteriormente deflagrado pela Semana de Arte Moderna de 1922, por Oswald e Mário de Andrade. Apesar das poucas pretensões, como diziam no seu "Manifesto do Grupo Verde", os idealizadores dessa proposta romperam as fronteiras interiores, despertando interesse no resto do País, inclusive a atenção de Blaise Cendrars, poeta francês.

O "Grupo Verde" atraiu colaboradores dos meios literários do Brasil. A exemplo de revistas como a Klaxon, Festa, Antropofagia, Pau-Brasil, A Revista e outras, a **Verde** juntou-se ao eco da revolução estética ensejada pelos modernistas, exorcizando a literatura tradicional e impondo-se como periódico de importância literária, conquistando a adesão de Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Menotti del Picchia, Murilo Mendes, Pedro Nava, Mário de Andrade, Aníbal Machado e uma turma de

poetas e escritores que já pontificavam no meio literário.

A **Verde** durou pouco mais de dois anos (1927-1929) e seu número derradeiro saiu após a morte de Ascânio Lopes, o mais refinado integrante do grupo, ceifado pela tuberculose ainda jovem, cujo trabalho foi comparado pelo crítico literário Delson Gonçalves Ferreira, da UFMG, à poesia drummondiana, tal a coincidência de temas e semelhança de recursos verbais. Sem Ascânio, a **Verde** nunca mais saiu, e apesar de sua efemeridade, firmou-se como um suplemento inovador, dada a ousadia daqueles moços, ginasianos ainda, que foram chamados de "os ases de Cataguases".

O **Movimento Verde** produziu seus frutos, pois a partir dessa centelha, Cataguases experimentou posteriormente agudo processo de incremento cultural, com a eclosão de outras correntes literárias,



Jorge Canhy — PP

## Novo Espaço Cultural

Empenhado em ampliar o espaço cultural do DF, o Deputado Jorge Canhy (PP) espera ver aprovada sua proposta que autoriza a instalação de atividades de prestação de serviços de promoção e realização de eventos de natureza social ou cultural, em edificações de uso residencial do Setor de Mansões Park Way.

Para o parlamentar, trata-se de uma iniciativa capaz de abrir novas oportunidades de trabalho e geração de empregos, melhorando ainda a opção de lazer para a população que terá à disposição uma variada gama de espetáculos.

Pela proposta, fica preservada a manutenção do projeto urbanístico do setor, não havendo nenhuma necessidade de alteração do conjunto arquitetônico, o que mantém inalterada a destinação da área.

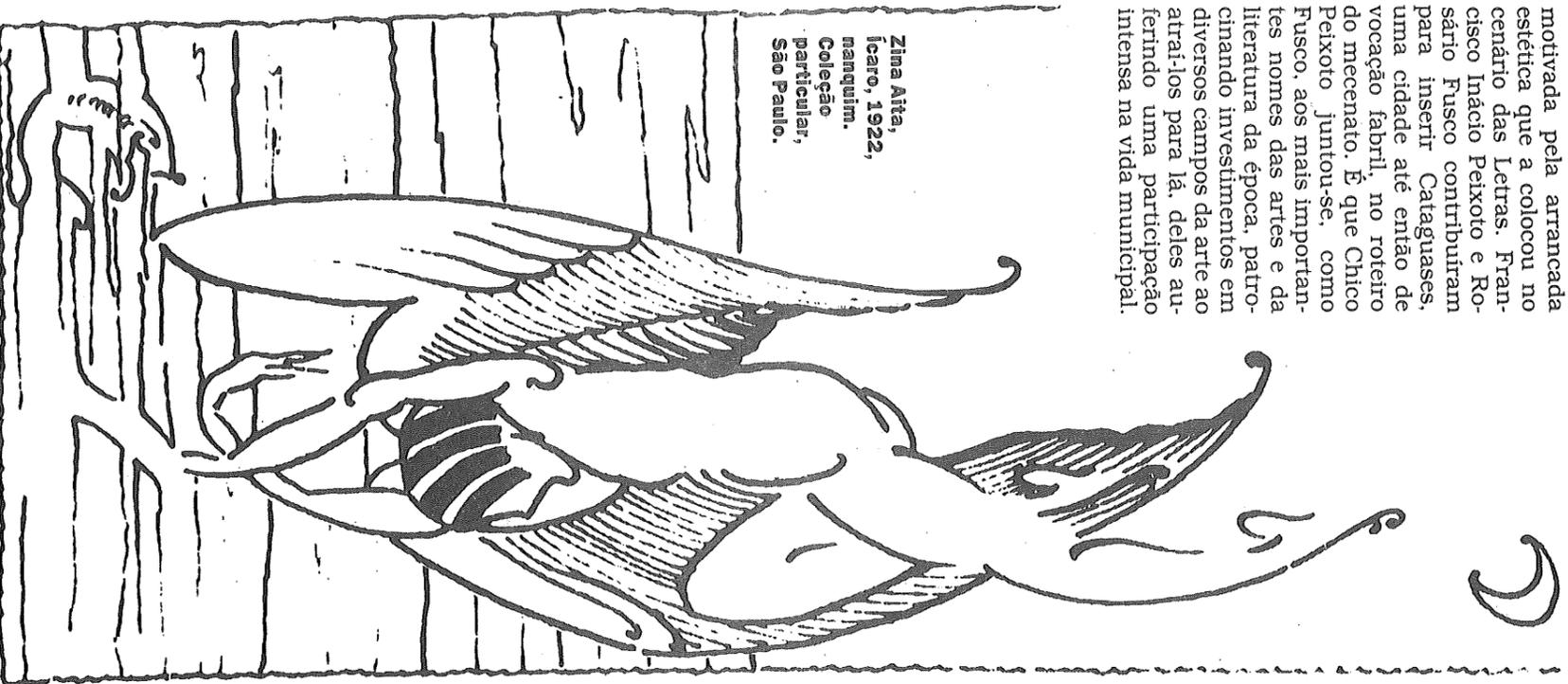
— É um esforço a mais no sentido de difundir empreendimentos sócio-culturais e a busca da descoberta de novos talentos, o que por certo ocorrerá com a abertura de mais espaços.

Embora o País esteja mergulhado em uma série de dificuldades e sua população convivendo perplexa com as

sucessivas crises políticas, morais e econômicas, não se pode relegar a cultura a um compasso de espera por melhores dias. A despeito de todos os problemas, ela tem de ser encarada como uma constante prioridade, já que é parte inerente da grandeza de qualquer povo.

Para se ter idéia da importância da cultura no desenvolvimento de uma nação, basta lembrar a Grécia. Muitos séculos antes de Cristo ela se destacou justamente neste campo, legando para posteridade um exemplo do brilho intelectual de seus filhos.

motivada pela arrancada estética que a colocou no cenário das Letras. Francisco Inácio Peixoto e Rô-sário Fusco contribuíram para inserir Cataguases, uma cidade até então de vocação fabril, no roteiro do mecenato. É que Chico Peixoto juntou-se, como Fusco, aos mais importantes nomes das artes e da literatura da época, patrocinando investimentos em diversos campos da arte ao atraí-los para lá, deles auferindo uma participação intensa na vida municipal.



Zina Alta, Icaro, 1922, manequim. Coleção particular, São Paulo.

Dai resultaram aquisições importantes para o lugar. Portinari, Oscar Niemeyer, Bruno Giorgo, Emeric Mercier, Anísio Medeiros, Djanira, Bolonha, dentre outros artistas, deixaram lá suas obras, motivo de intensa peregrinação turística. Portinari pintou o famoso painel "Tiradentes" para o Colégio de Cataguases, este projetado por Niemeyer, com jardins de Burle Marx e escultura de Giorgo. Além disso, produziram inúmeras obras, entre painéis em azulejos, afrescos, residências luxuosamente projetadas e outras manifestações artísticas.

Vale destacar que paralelamente a este movimento, surgiu o cinema pioneiro de Humberto Mauro, disseminando o chamado "Ciclo de Cataguases", que produziu películas antropológicas, como Ganga Bruta, Brasa Dormida e Theouro Perdido, relíquias da cinematoteca nacional. O conjunto da obra maureana tem interessado a críticos de cinema e arte, como Alex Vianny e Paulo Emilio Salles Gomes (em "Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte"), que analisa a importância de sua produção e sua influência no cinema novo e nas gerações seguintes.

Mais tarde, outros movimentos tiveram ensejo, como o grupo Meia-Pataca, formado por Lina Tâmega, Plínio Filho, Celina Ferreira, Francisco Marcelo Cabral, Lecy Delfim. Depois, veio o concretismo e a poesia, processo através de Joaquim Branco, Ronaldo Werneck e Pedro Branco Ribeiro. E mais adiante, na esteira desse processo, a poesia de Márcia Carrano, os contos de Alcino Antonucci, a prosa de Washington Magalhães, o teatro de



Renato Silva, Ilustração para revista, C. 1925.

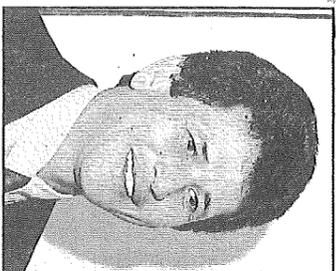
Carlos Sérgio Bittencourt, Ady Rezende e Di Carrara.

O universo de criação e renovação cultural proposto pelo Grupo de Cataguases, os "Verdes", foi reconhecido nacionalmente por muitos críticos e é motivo de estudos e interpretações no campo da Literatura, situando a **Revista Verde** como um ato de resistência, ousadia e independência, que rompendo as amarras do comodismo paraguiano e desatando as algemas dos tradicionalistas, numa cidade mineira da década de 20, conseguiu impor-se como uma autêntica e competente produção literária.

Hodiernamente, Cataguases resseente-se de uma certa apatia no âmbito

dessas produções, preferindo alimentar um saudosismo inócuo e uma nostalgia inconsequente, já que novos movimentos insistem em hibernar-se, ora por rejeição do **status quo** político, ora por forças das condições econômicas, que não permitem maiores investimentos nessa área. Espera-se que a ebulição criadora daqueles tempos possa retomar o seu leito e levar a nova safra a propostas que possam despertar outras salutares e produtivas inquietações.

■ Ronaldo Cagliano Barbosa é poeta e advogado, publicou três livros: Palavra Engajada, Colheita Amarga e Outras Angústias e Exílio. Tem artigos publicados em diversos jornais e revistas. Natural de Cataguases (MG), residente em Brasília há 13 anos.



Odilon Ayres — PMDB

## Prioridade à cultura do DF

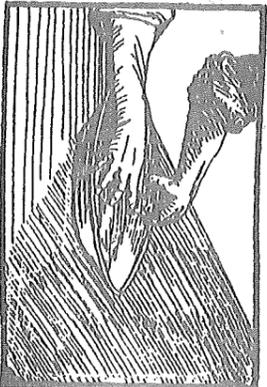
Precisamos valorizar o potencial cultural do Distrito Federal. A cidade é jovem, tem quase 34 anos, mas já apresenta um grau de cultura muito elevado, que nasceu do acervo herdado dos estados da Federação, diante de sua população heterogênea. Os valores são expressados através de diversas atividades: musicais, teatro, esportes e cinema, entre outras. Da terra já partiram

vários nomes famosos como Ney Matogrosso, Raimundo Fagner, Jessé, Osvaldo Montenegro, Célia Porto, Kássia Eller, Paralamas do Sucesso e Lagôa Urbana. No esporte, para citarmos apenas alguns, estamos bem representados pelo tricampeão Nelson Piquet e pelos corredores Joaquim Cruz, pelos jogadores Oscar, Tande. No cenário artístico, exportamos vários atores e atrizes, como

Francoise Furtton e Mariane Vicentini, e tantos que participaram de diversas filmagens. O espaço é pequeno para desfilir o cadastro tão grande. O importante é que devemos explorar mais o potencial artístico cultural do nosso povo, para que tenhamos condições de mostrar que em pouco tempo o DF será um grande centro irradiador da cultura do País.

# V i a

**1 -** No primeiro passo, Jesus é condenado



## A Condenação

Não foi bem a coroa dos espinhos, nem seu corpo sangrento flagelado, nem os impios deboches escarninhos, a dor maior do Cristo condenado!

Fomos nós que, medrosos e mesquinhos, fomos nós que o deixamos desamado! — Forçando mil razões pelos caminhos, ninguém de nós estava do seu lado!

Que nós, imitadores de Pilatos, lavamos nossas mãos perante os atos que deveriam ter o nosso não!

Deixando-nos levar pelo terror de sermos responsáveis, demos dor e fomos os arautos da omissão.

**2 -** recebe a cruz



## O Signo da Cruz

O machado golpeia o tronco augustíssimo, as pancadas rebocam pela serra, e tremulo de dor, rangendo em susto, o cedro vacilante cai por terra.

A Lâmina desbaista o pau robusto, o tronco é dividido. O cravo ferra a união da travessa sob o encaixe justo, e surge a cruz, que o signo-dor encerra.

O signo-dor da cruz! o horror-delírio de Cristo a carregá-la em seu martírio por ruas e por becos entre o povo...

Ah, o signo-dor, que ao receber Jesus martirizado sim, no entanto luz, se torna signo-amor, e vive novo.

**3 -** cai pela primeira vez



## A primeira queda

Jesus tomou o mundo sobre o ombro e tropeçou, não suportando o mundo. E tudo em volta foi para o profundo abismo apocalíptico do assombro!

A multidão se riu do próprio escumbro e só notou, cado em solo imundo, o frágil condenado em quem, no fundo, reconhecia forte em desassombro.

Mas era necessário prosseguir, que o Zenite começa no Nadir, que todo fim resulta de um início...

Assim, de amor ao mundo indiferente, Jesus levanta o mundo novamente, em direção ao próprio sacrifício!

**6 -** enxuga o suor de Jesus



## O Gesto

A Verônica, vendo Jesus Cristo carregar uma cruz que não merece, ouvindo a ruidosa gente que escarnece, sentindo-o resignado a sofrer isto,

Na inspiração do impulso e do imprevisto retira o ven da face (que aparece profundamente bela) e, como em prece, enxuga o rosto dele, tão malquistoso...

Um gesto feminino, um gesto de ave, trazendo à propositiva medonha a suave presença da esperança caridosa.

Um gesto que foi bálsamo e foi ninho, um gesto feito amor, um gesto-rosa, pousando onde o tormento era de espinho!

**4 -** vê sua Mãe na multidão



## Via Dolorosa

Não há em Jerusalém mais triste via que aquela onde, sofrendo em amargura, Jesus, levando a cruz, sentiu a pura presença dolorosa de Maria.

E o pranto que nos olhos dela via, iluminando em luz a via escura, o consolo da trágica tortura,

que a maldade dos homens lhe infringia. Mas, ante o sofrimento que enlouquece, Maria dominou-se e, em choro e prece, calou seu desespero e se fez forte...

Não há na mais triste e dolorida que aquela onde Maria viu a vida levando a cruz sangrenta rumo à morte!

**5 -** lavrador auxilia Jesus



## O Lavrador

Sinaão Cirineu deixou seu arado no campo lavrado e ao Cristo acorreu.

E ao vê-lo cansado, sem nada de seu, tomou-lhe o seu fardo nos ombros o ergueu...

E, a cruz carregando, Sinaão, ofegando sentiu de repente

que a cruz era arado, arando o pecado na vida da gente!

## Estudante precisa ter acesso à cultura

*O cidadão armazena em si as influências de seu meio e comporta-se de maneira singular ao assimilar informações, que passam a influir em sua maneira de ser. Ao propor a Lei 611,*

*democratizando a expedição das carteiras de estudantes que dão direito à meia-entrada em casas de espetáculos, o objetivo foi oferecer meios para que os estudantes, quase sempre com parcos recursos, possam frequentar os locais onde, além do lazer, são transmitidas*

### informações culturais.

*Com a crise econômica que enfrentamos, é muito difícil levar o jovem que estuda a interagir com seu tempo. Colocando este serviço ao seu alcance, um processo que antes era autoritário e moroso, passa a ser democrático e ágil.*

*Esta lei foi regulamentada recentemente e sua eficácia dependerá da organização e interesse das escolas em oferecer esse benefício ao aluno, com presteza. Para que isso aconteça é*

### Eno Teodoro Wanke

Quadros de Márcia Cardeal

**7 -** cai pela segunda vez



## O CIRCO

A carnalheira sinistra e avolumada e segue, interessada, o sofrimento de Cristo a carregar o seu momento de cruz e morte — a dor humana, em si

Soldados riem. O prazer ressuma no grito dos moleiros. Segue o lento cortejo, onde o delírio reina, atento aos tropeços. Não há piedade alguma!

E quando o Cristo cai sob o madeiro a turbam. Um greguão, o posseiro, diverte-se, a lástima e veia.

Não percebeia, o circo caricato, quem eram os palhaços — e em que atfindava o bem e se iniciava o mal.

**12 -** Jesus morre na cru



## CRUCIFIXO

Suspensa da cruz, os olhos dos, das trevas, e morto Jesus!

É morto. E seu cadáver nos conduz com seus braços sangrentos, mas abertos, os pulsos tão venais e tão incertos dos homens pelos seus sem luz!

Que, após a agonia repleta de enganos do traço dia, de sob a coroa de espinhos humanos, seu rosto perdal.

*necessário, também, que o estudante conheça este direito e faça-o valer.*

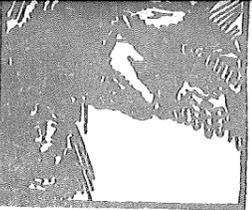
*Acreditamos que dessa forma estamos contribuindo com a cultura nacional e regional, na medida em que oferecemos vantagens legais ao estudante na hora da compra de um ingresso para o teatro, o cinema e outros tantos espetáculos pagos. Assim, o estudante terá acesso as manifestações artísticas que formarão a sua cultura.*



**Aroldo Satake — PP**

# Do 10 r o s a

No passo, Jesus segunda vez



8 - No oitavo passo, Jesus fala às mulheres da multidão



## A ÚLTIMA PARÁBOLA

As mulheres choravam longos ais na subida do Gólgota. E eis que assim falou Nosso Senhor: "Por que chorais? Chorai por vossos filhos, não por mim!"

"Felizes sois se não amamentais, melhor se sois estéréis, pois, enfim, evitareis os tempos, e não mais vereis da vossa estirpe o rudo fim!"

"Que os homens, em terror, se acolherão ao seio das montanhas, e o claro irá buscá-los no mais fundo beco..."

"Ohai, neste momento, para mim, — Se o tronco verde é maltratado assim, como será acolhido o tronco seco?"

13 - No décimo terceiro passo, Jesus é descido da cruz.



No décimo-terceiro passo, Jesus é descido da cruz.

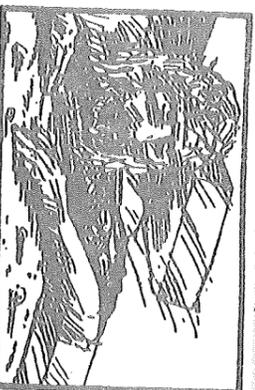
Espectus de agronia já sofrida põem roxo no cenário derradeiro. O corpo, desprezado do madeiro, é lígima de carne dolorida.

Jesus, o Cristo, o Ungido, o Deus sem vida, regressa à terra, enquanto o heróico da noite sobe, como quem se olvida enfim, de um espetáculo agonético.

José de Arimatéia desce o morto da cruz, enquanto a tarde carregada amamenta nosso triste desconforto...

O pranto das mulheres, retidexse, o dia morre, a sombra em volta e prece e espanto, prece e dor, luto e mais nada...

9 - No passo nono, Jesus cai pela terceira vez



## AS PÉTALAS

Jesus, chegando ao alto do Calvário, caiu mais uma vez, sem dar um grito, levado pelas forças do inimigo a suportar o horror do seu fadário.

Jerusalém, guardando o itinerário de pétalas de sangue no granito do calcamento, mostra um ar alho nos longos do seu cinza milenário...

Alçando o olhar do látego do algez, Jesus, chorando lágrimas por nós, abala a dor terrível que o domina.

e sente em si uma palpitante calma, pois algo lhe assegura, dentro da alma, que o céu está mais perto, da colina.

14 - No décimo quarto passo, Jesus é sepultado no horto



No décimo-quarto passo, Jesus é sepultado no horto.

As pétalas de flores amarelas choraram sobre o túmulo... O quebranto do por-do-sol fecha um suor e manto de sombras infinitas paralelas...

As árvores esguas e singelas erguiam braços ovinos de espanto aos céus tímido cores. Isto enquanto o enterro de Jesus passava por elas.

O séquito parou. Que negra tumba! A lige, pesadíssima, retumba ao fim de uma jornada escura e insana

O chão da catedral de cedros do horto se abriu, sepulcro e dor, para o Deus morto, e foi refúgio contra a Noite Humana.

10 - No décimo passo, Jesus é desnudado



## A TÚNICA

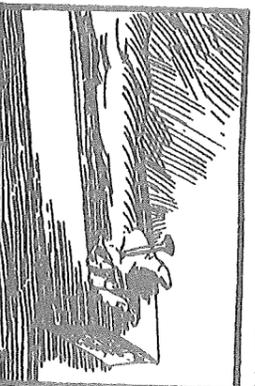
Que angústia vibra no ar? Que desespero corrompe a luz do Gólgota medonho? Que pesadelo para sobre o sonho messianico ruído, inerte e inteiro?

O Nazareno, o páldo cordeiro nas mãos da soldadesca e do demônio, é desnudado! Há um tom de gesto errôneo naquele avilamento zombeteiro...

Por que razão a túnica manchada de pó, de sangue e suor é disputada assim como se fosse algo sublime?

Talvez por que ela seja, o que parece, menos roupa, mais simplcia e mais prece rezada por quem vai morrer sem crime.

11 - No décimo primeiro passo, Jesus é erguido na cruz



## OS CRAVOS

Jesus estremeceu, quando o martelo bateu, o cravo penetrou na mão, rompendo nervos, fto, sem paixão, e o sangue respingou, rubro lípelo.

Foi como se existisse algum duto da carne frágil contra o coração de pedras dos verdugos, onde não crescia mais que o ódio e o flagelo...

Pregado, mãos e pés, na cruz deitada, olhando nuno ao céu, sentiu-se um Nada na imensa solidão do seu desterro.

Mas, quando a cruz se ergueu no azul do espaço seu corpo, nu e dorido, foi abraço de amor à toda humanidade em erro.

## O autor

Em resposta ao anúncio que o "DF Letras" fez conclamando a participação de escritores e poetas em suas páginas, o autor enviou um opúsculo sobre a Via Crucis. Retratou o martírio de Cristo pela sua veia poética.



Seu Nome: Eno Teodoro Wanke. Ele nasceu a 23 de junho de 1929 em Ponta Grossa, Paraná. Engenheiro e administrador fez carreira na Petrobrás. É hoje aposentado, dedicando-se inteiramente à literatura.

Publicou seu primeiro livro em 1953, pelo que, neste ano de 1993, está comemorando seu 40º aniversário daquele acontecimento.

Tem mais de quinhentos títulos publicados, entre livros e li-

ta em pelo menos dez livros sob o título geral de OS TEMPOS DO NUNCA MAIS: 1 — A saga dos imigrantes (Os antepassados); 2 — Menino de serraria. (Infância); 3 — A santa cruz do inferno; 4 — O despertar do amor; etc. Para correspondência: Rua General Glicério 407 ap 602 22 245-120 — Rio de Janeiro, RJ

EDIÇÕES PLAQUETTE. Rio, 1993 — Publicação n.º 516. Ele escreveu: "O DF Letras" publicada.



Gilson Araújo — PP

## Concha Acústica para a Praça das Fontes

A Praça da Fonte, localizada no Parque da Cidade, tem sido palco de vários eventos culturais. A programação inclui inclusive, participações de grandes orquestras e, por isso é preciso que seja construída com urgência uma concha acústica no local. Essa concha é de grande importância porque irá melhorar a qualidade do som, além de aperfeiçoar a técnica dos espetáculos. Sensibilizado com esta questão, apresentei moção à Câmara Legislativa reivindicando a construção da Con-

cha Acústica.

O Parque da Cidade é uma grande área de lazer e tem atraído muita gente para os eventos culturais realizados na área. Quanto à Praça das Fontes, está agendado uma série de espetáculos que, certamente irá agregar a vida cultural na cidade. O local é propício à aglomeração de público e não possui qualidade acústica. O problema é sério e, recentemente motivou o cancelamento de um show que seria realizado por uma

orquestra de renome nacional.

Como deputado, sou consciente da importância da cultura na vida do homem. Trabalhar em prol da cultura é um dever de todos nós. As manifestações culturais estão enraizadas com as nossas origens e um País sem cultura não tem história. Vale ressaltar que Brasília é uma cidade carente de grandes espetáculos, o que não ocorre no eixo Rio-São Paulo, e como alternativa temos que melhorar cada vez mais tecnicamente para aperfeiçoar a nossa arte.



# O Lago Paranoá não tem salvação

## Mas terá ainda Séculos de Vida

□ **Valter Pedrosa**

Recoiro perfeitamente de uma entrevista que concedi ao "Correio Braziliense" em 1975, sobre os problemas de poluição do Paranoá. Naquela época desempenhava-me da função de Chefe do Departamento de Água e Esgotos (hoje seria Diretor de Operações) da CAESB, a quem estava afeto o controle da qualidade das águas do lago, através do Laboratório Central.

Aquela reportagem transformou-se em manchete na segunda página do jornal, na qual afirmava "Atualmente: 'O Lago Paranoá ainda terá 30 anos de vida útil'. O que provocou risinhos e ironias de alguns colegas dentro da Companhia de Água e Esgotos de Brasília, já que no ambiente de trabalho reinava a sinistrose de que o lago estaria podre, de que seria necessário realizar seu esvaziamento para a raspagem da lama do fundo, etc.

Passados quase vinte anos, nada aconteceu de desastroso e o lago continua placidamente dentro de suas margens, servindo como fonte de lazer e esporte de alguns segmentos da população brasiliense. Além de clarear a vista de todos com a beleza aquática nesse cerrado tão seco. Como também contribuindo para amenizar a baixa umidade do ar na Capital da República, pela permanentemente evaporação do seu espelho de água de 40 quilômetros quadrados.

Isto é, o lago vem cumprindo exatamente o papel para que foi criado, nada mais. E não terá 15 ou 30 anos de vida útil, porém 300 anos ou mesmo um milhão de anos, conforme a experiência e características de toda formação lacustre, natural ou artificial.

al, no Brasil ou em outras partes do mundo.

Na verdade, o lago merece alguma atenção da parte de todos nós, com o objetivo de mantê-lo em boas condições de uso pela população. Sem exagero, terrores e muito menos o gasto desnecessário de centenas de milhões de dólares, como tem acontecido nos sucessivos governos do Distrito Federal, evidentemente visando-se outras vantagens e intenções que não a saúde do lago.

Aqui caberia uma simples pergunta: de quem é o lago? O Paranoá pertence ao Governo Federal, ao GDF ou à CAESB? Num regime como o nosso em que predominam os interesses privados, é preciso se definir a propriedade do lago.

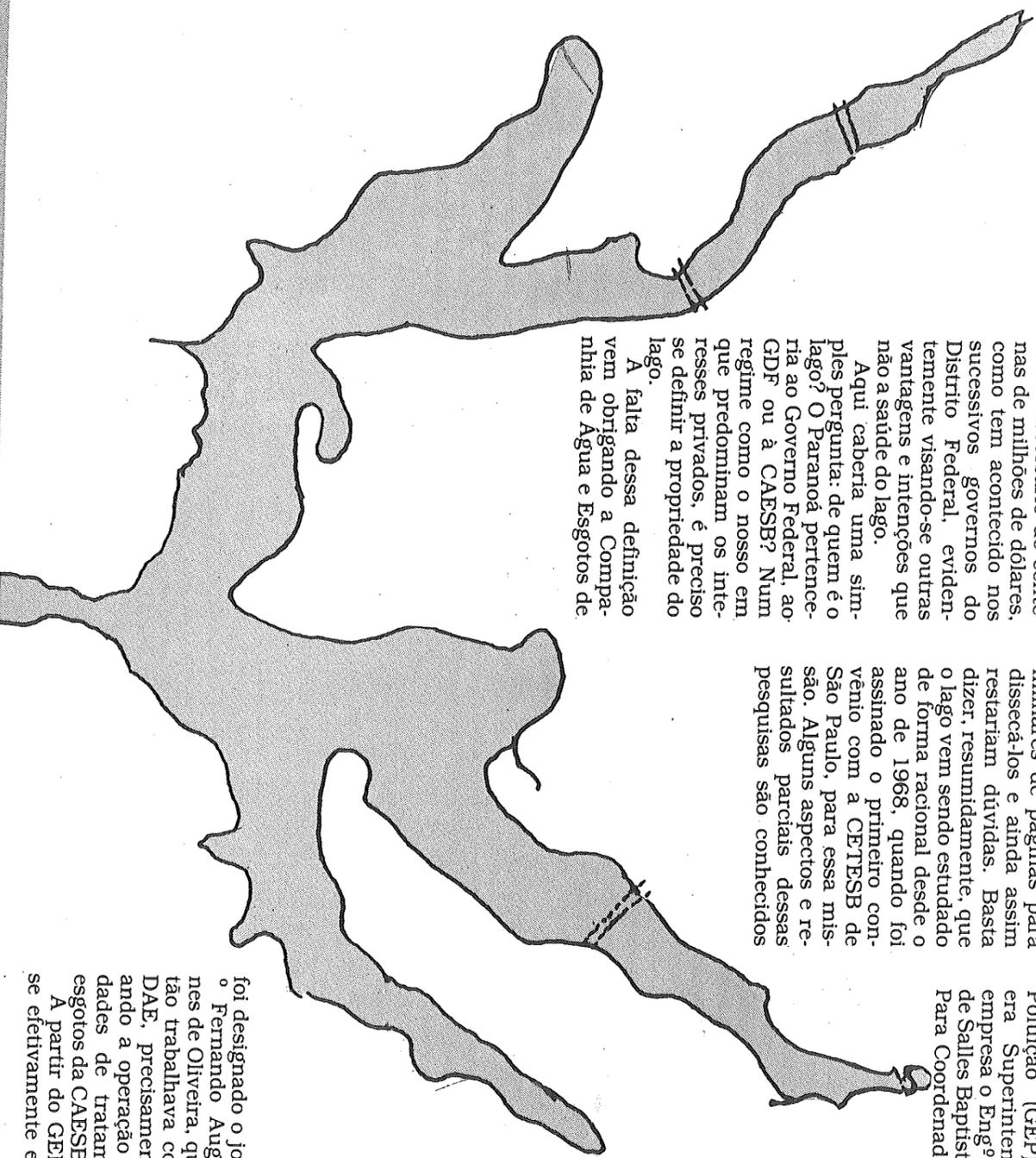
A falta dessa definição vem obrigando a Companhia de Água e Esgotos de

Brasília, que foi criada somente para abastecer de água potável a população e coletar seu esgoto sanitário, a se encarregar desse filho bastardo e oneroso.

Discutir os problemas do lago é mexer em casa de maribondo. Requereria milhares de páginas para dissecá-los e ainda assim restariam dúvidas. Basta dizer, resumidamente, que o lago vem sendo estudado de forma racional desde o ano de 1968, quando foi assinado o primeiro convenio com a CETESB de São Paulo, para essa missão. Alguns aspectos e resultados parciais dessas pesquisas são conhecidos

e foram apresentados em diversos seminários e congressos de engenharia sanitária e ambiental.

Naquele ano de 1975 a CAESB decidiu enfrentar o caso ainda mais seriamente, formalizando a criação do Grupo de Estudos de Poluição (GEP), quando era Superintendente da empresa o Eng.º Francisco de Salles Baptista Ferreira. Para Coordenador do GEP



foi designado o jovem Eng.º Fernando Augusto Nunes de Oliveira, que até então trabalhava comigo no DAE, precisamente chefiando a operação das unidades de tratamento de esgotos da CAESB. A partir do GEP tentou-se efetivamente encontrar

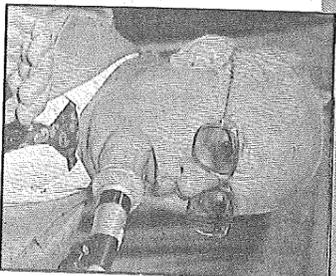
## O Poder da Cultura

O Poder da Cultura é vivido pelo meio que o compõe, jamais moldado pela autoridade que o assiste. Tanto isso é verdade, que Salomão — Rei de Israel — reconheceu que "o Poder da Cultura de seu próprio povo estava e está moldado nas leis naturais, oriundas da assimilação histórica de sua vivência, adquirida ao longo de sua caminhada exigida pelo meio". Outro exemplo, está impresso nas palavras de ABRAHAM LINCOLN, em 1863,

quando disse: "É mais fácil ceder aos princípios de um aventureiro, do que lutar contra o Poder da Cultura de um povo, reforçado, em 1953, por GRACILIANO RAMOS em seu livro de Memórias do Cárcere ao afirmar: O Poder da Cultura de nossa gente é indestrutível, porque está ligado ao solo ocupado".

Assim, se desejam a paz, o progresso, o desenvolvimento ordenado, a democracia e a eliminação dos conflitos, respeitem e

protejam a Cultura dos povos que compõem o nosso Globo Terrestre, senão as tormentas do desespero universal será uma constante, pois a Cultura é palco das forças vivas, onde os ensaios de peças inconsistentes pelas raízes de suas origens, constituem-se em alimento na caminhada democrática, não sendo a expressão raquítica encafiada pela visão caótica de uma ideologia partidária radicalista, muito menos um molde forjado nos subterrâneos do despotismo.



**Padre Jonas — PP**

a melhor alternativa para "despoluir" o lago ou pelo menos manter sua saúde em condições aceitáveis. Foram feitos convênios internacionais e recebeu-se assessoria dos maiores especialistas mundiais em poluição e eutroficação de lagos de água doce, como o Prof. Marais, da África do Sul, e o Prof. Bjorn, da Suécia.

O Eng.º Fernando Nunes e a Biol. Yone de Barros Brito, entre outros, passaram meses e anos viajando e conhecendo as experiências da África do Sul, Inglaterra, Alemanha e Suécia. Os especialistas, pagos diretamente pelo GDF ou através de financiamentos da OPS/OMS, permaneceram meses e anos em Brasília estudando o lago e montando a estação piloto para o tratamento terciário dos esgotos (para retirar os minerais ou micronutrientes do efluente tratado dos esgotos sanitários).

Para se entender a "doença" chamada eutrofização que o lago sofre, é simples: ao se jogar adubo na terra ou nas águas, as plantas (ou as algas) se desenvolvem. Foi o que aconteceu enquanto o nitrogênio, o fósforo, o potássio, o magnésio e o cálcio, contidos naturalmente nos esgotos domésticos, continuavam sendo despejados no lago, semitratados ou em estado bruto, provocando as eventuais "florações" de algas verdes e azuis, etc.

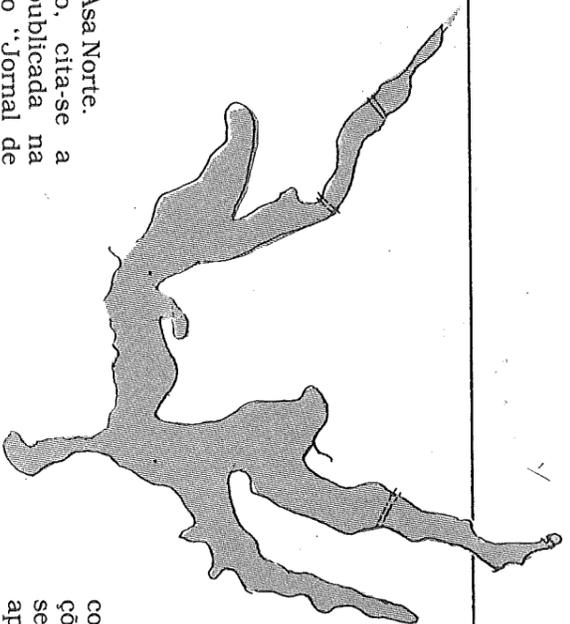
Posteriormente a CAESB mudou de idéia, deixando o enfoque científico em segundo plano e praticamente desmantelando aquela equipe caesbiana altamente qualificada, o que foi uma lastima imperdável. Passando a privilegiar a execução de novas obras físicas, como a ampliação das estações de tratamento de esgotos da

Asa Sul e da Asa Norte.

A respeito, cita-se a manchete publicada na página 11 do "Jornal de Brasília" do dia 14/10/87: "Ex-Diretor depõe contra a despoluição do Lago", que refletia os debates realizados em caráter de inquirição pela Comissão do Distrito Federal no Senado Federal. Onde o Eng.º Fernando Nunes dizia textualmente "Além de não alcançar seu objetivo, o projeto de despoluição do lago Paranoá, desenvolvido pela CAESB, vai resultar num alto custo operacional para a manutenção do sistema".

Como não seria novidade que ocorresse, a opinião abalizada do especialista foi derrotada pelos empresários privados da SEEBLA, que insistiam na execução das obras e no faturamento dos milhões de dólares drenados do contribuinte, com resultados nulos.

Desde aquele período em que estivemos à frente do DAE, e depois através da GET, todos sabemos perfeitamente que tratar esgotos domésticos em processos secundários, no qual se retira em média 80% (oitenta por cento) da matéria orgânica (DBO) não oferece qualquer dificuldade tecnológica. No âmbito da CAESB o serviço se transforma em um monstro de sete cabeças pelas conhecidas deficiências gerenciais e administrativas na operação e manutenção



das estações de tratamento de esgotos, com o pessoal desmotivado, insatisfeito com baixos salários, etc.

Na melhor das hipóteses e mesmo que as duas estações funcionem perfeitamente e tratem 100% (cem por cento) do esgoto doméstico, admitindo-se ainda que o processo retire até 95% (noventa e cinco por cento) da DBO, mesmo assim o lago estaria afetado com aqueles 5% (cinco por cento) que passam através do tratamento adicional. Ou mesmo do tratamento terciário.

São conhecidos os estudos realizados nos lagos de Erité e Ontário, situados na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, demonstrando que a poluição das suas águas é provocada pelas enxurradas (esgoto pluvial) em uns 40% (quarenta por cento), o que é praticamente impossível de evitar. Como tratar enormes vazões que surgem repentinamente dos frequentes aguaceiros de Brasília?

Resumindo: consideradas as condições do Distrito Federal, tratar esgoto para evitar a poluição do lago Paranoá é pura bobagem: gastar centenas de milhões de dólares para

construir ou ampliar estações de tratamento a nível secundário ou terciário, apenas como desculpa para manter ocupadas as empresas privadas e forrar o bolso dos senhores empresários da construção civil, é um crime de lesa-humanidade.

Uma boa solução que se poderia sugerir para o destino dos esgotos sanitários de Brasília e das cidades-satélites, com ou sem tratamento, seria o seu aproveitamento na agricultura da região, através de bombeamento a partir de determinados pontos, para a irrigação de grandes áreas de cerrado semi-árido. Como se faz rotineiramente em diversos países europeus, a França em primeiro lugar. Uma aplicação segura e testada seria na lavoura do café, conforme os estudos preliminares realizados pelo então IBC. Mas quem vai se responsabilizar em projetar e financiar essas obras?

A solução mais barata e eficaz para o lago Paranoá é a mais simples: não fazer nada. Que os senhores empresários privados continuem milionários e sejam felizes, executando outros tipos de obras. Estação de tratamento de esgoto, negativo.

O pior que poderá acontecer, conforme a alternativa natural proposta, será o mau cheiro que irá incomodar algumas dezenas ou centenas de coronéis e marajás que construiriam

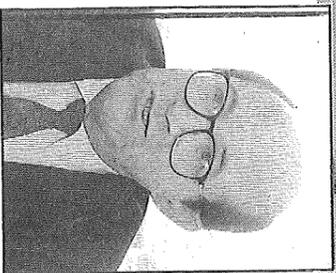
suas mansões às margens do lago, inclusive com invasão de áreas verdes. Isso durante os períodos mais secos do ano, quando ocorrer. A maioria da população nada teria do que reclamar ou ser prejudicada.

Veja-se o exemplo histórico do Nordeste, que dispõe de mais de 100.000 açudes, pequenos e grandes lagos de água doce, como o Orós, no Ceará; e o Itans, em Cairó, Rio Grande do Norte. Alguns deles foram construídos nos tempos da Colônia ou do Primeiro Império. E nunca se soube que qualquer um deles, tenha apodrecido ou matado as populações das redondezas. Apesar de que diversos secaram, nada mais.

Talvez daqui a 300 anos ou mesmo um milhão de anos, se possa atravessar por terra de Brasília para as penínsulas Sul e Norte da cidade. Todo lago um dia será um charco e naturalmente sofrerá o processo biológico de aterramento. Mesmo o mais limpo e protegido lago da Amazônia ou da Europa. É a lei da natureza, contra a qual os homens pouco ou nada podem.

Deixemos o lago Paranoá em paz, que tem séculos de vida útil pela frente, trata-se de um lago jovem. Como um corpo vivo que é, ele sabe cuidar da própria saúde e tomar suas "aspirinas" quando julgar necessário. O lago é de Deus (sic), que sempre se encarregou de tratar os esgotos dos homens e purificar águas de rios, lagos e mares. Confiar no Padre Eterno é bem mais barato. Palavra de ateu e sanitarista.

Valter Pedrosa de Amorim é Eng. Sanitarista e Escritor Consultor em Saneamento Ambiental da OPS/OMS, Diretor de Operações da CAESB e Diretor de Planejamento do SUD-DF. Tem 25 Trabalhos Técnicos e nove Livros Literários Publicados. SHCCN 719 Bl. "V" Casa 46 70.780-713 — Brasília-DF Tel (061) 347-3757



**Wasny de Roure — PT**

## Priorizar os Movimentos Sociais

O Deputado WASNY DE ROURE tem como princípio maior em seu mandato contribuir para a organização, conscientização e mobilização da sociedade. Desta forma, além de sua destacada atuação parlamentar Wasny tem sido presença constante e decisiva nos movimentos reivindicatórios, bem como no encaminhamento de questões ligadas aos mais diversos movimentos sociais, que vão desde a luta pela fixação dos assentamentos do Varjão, Samambaia, Telebrasília e Vila Planalto ao apoio aos

trabalhadores rurais sem-terra, dentre inúmeros outros.

Na defesa dos interesses dos trabalhadores Wasny tem apresentado projetos e pronunciamentos contínuos na Tribuna da Câmara Legislativa, além de participar de passeatas e audiências públicas, colocando o mandato parlamentar à disposição da classe trabalhadora na sua luta contra as injustiças sociais e no combate à concessão de privilégios às elites. Recentemente o Deputado WASNY

apresentou Projeto de Lei que altera o Decreto 14.777, definindo uma taxa mais justa aos usuários da CAESB cujas residências são desprovidas de hidrômetros, especificamente aos classificados como classe popular. Wasny também está apresentando um Projeto de Lei que dá nova redação ao artigo 336 da Lei Orgânica, restabelecendo o benefício dos passes estudantis aos estudantes dos cursos profissionalizantes do SESC, SENAC, SENAI e SESI.

□ **Jasny**

Ela se caviada, através d dpe do mndo mndo. do escoc um im mas arr mighalhd de deshi cadeira enorme vezes, trágica sapatos) guranço mistro e

De re pídame tegida, ia de b timhas Enorme (do mirt ga? do a sa.) par outras dos car atenção audacio, teiras d tro (sim ciam se tentava sentado rem a se rintos q cem. Ao sego na i(rai), ressid. Puv



**Salva Guin**

# Baratas Baratinadas

□ Jason Tercio

Ela surge discreta, precavida, antenas sondando através das frestas no rodapé da sala de reuniões do ministro. Dois fios dançando à espreita de alto ou aventura. Sair do esconderijo-moradia é um impulso necessário, mas arriscado. A busca de migalhas de pão e o prazer de deslizar nos papéis, nas cadeiras e naquela mesa enorme resulta muitas vezes, em morte súbita, e trágica — esmagada por sapatos impiedosos do segurança ou do próprio ministro e seus assessores.

De repente ela cruza rapidamente a sala, desprotegida, rumo a uma bandeja de biscoito, velozes patinhas garantindo a fuga. Enormes pés se esticam (do ministro? do segurança? do assessor de imprensa?) para destruí-la. Mas outras colegas despontam dos cantos, desviando a atenção dos pés. Algumas, audaciosas, voam zombeteiras desafiando o ministro (sim, era ele, reconheciam seus sapatos) que tentava assinar um papel, sentado à mesa. Duas correm a se esconder em labirintos que só elas conhecem. Ao presentirem sossego na sala (o ministro saíra), ressurgem, descobertas. Pulam em cima do

papel assinado que ficou na mesa.

Eram as únicas companheiras do ministro em seus momentos de solidão reflexiva, quando arquitetava os planos econômicos para salvar o País. À noite ele costumava ficar pensando ali nos grandes problemas nacionais, enquanto elas vasculhavam as migalhas de sanduíche que ele deixava cair. Quando o ministro não vinha, elas comiam só papel, uma Medida Provisória aqui, um decreto ali, um relatório, e assim passavam as noites. Ultimamente comiam também notas velhas de dinheiro, abandonadas na cesta do lixo. Apesar das vicissitudes,

elas sobreviviam, resistentes. Sabiam que ninguém as derrotaria. Os ministros se sucediam, se revezavam, apareciam e desapareciam. Mas elas permaneciam. As fêmeas ficavam gordinhas, gerando dezenas de filhinhos. As famílias cresciam e se multiplicavam, mesmo sob duras perseguições.

Mas um dia algumas surgiram que fizessem um movimento por uma melhor alimentação, uma campanha contra a fome das baratas.

Enquanto o grupo estava discutindo a proposta na recepção, o ministro chegou de surpresa com alguns empresários e todos correram atrás das baratas, matando várias. Outras fingiam-se de mortas, quietinhas, a cabeça lisa, e quando os homens se afastaram elas correram para seus esconderijos.

Mais irritadas que anteriormente, decidiram convocar uma assembleia-geral. Chamaram colegas de outros ministérios, do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal, do Palácio da Alvorada e se reuniram na enfermaria de um hospital.

A liderança propôs que organizassem um exército de combate. Era a declaração de guerra. Não suportavam mais a discrimina-

ção, a crueldade dos ho-

mens, principalmente dos homens que mandavam no país. Eram espezinhadas todos os dias, enquanto os homens se banquetavam em reuniões suculentas. Sequer podiam passear livremente pelos comodos dos prédios do governo. Exigiam mais respeito, tinham direitos. Afinal, viviam no mundo há séculos, antes do surgimento do homem, embora houvesse controvérsia sobre isso.

Antenas crispadas, muito, advertências.

“Temos condição de vencê-lo? Um pé do ministro, ou de quem quer que seja, mata dezenas de nós. Uma guerra seria expor-nos ao genocídio!”

Uma representante do Palácio da Alvorada agitou-se sugerindo desfechar um ataque imediato.

“É um absurdo que em plena era ecológica ainda se matem baratas. Não podemos transigr. Já sofremos muito!”

A representante do Ministério da Saúde concordou:

“Temos força numérica, podemos articular uma guerra de nervos!”

A representante do Palácio do Planalto teve uma idéia:

“Vamos atacar também os supermercados. Não



## A Essência da Alma Brasileira

A Câmara Legislativa do DF como Poder Legislativo, é uma Casa geradora de leis, fiscalizadora, compromissada no seu dia-a-dia com os mais legítimos anseios da comunidade.

Mas para alcançar o patamar maior, transformando-se de uma Casa de Leis, de Poder Legislativo, em Casa do Povo, verdadeiramente identificada com a luta, o sofrimento e as alegrias de toda uma comunidade, ela tem que ir além, ela precisa refletir a essência da alma brasileira contida em suas

manifestações culturais.

Dai a importância deste Suplemento Cultural, "DF LETRAS", fruto de nossas inquietações, nascido das discussões permanentes com todos os segmentos da sociedade, que deram-me a honra de ser o seu proponente, através da resolução 86/91, que contou com o apoio de todos os meus pares e que hoje cumpro a missão de ser o veículo mensal das inquietações culturais que percorrem cada rua, cada praça, cada recanto e cada espaço dessa



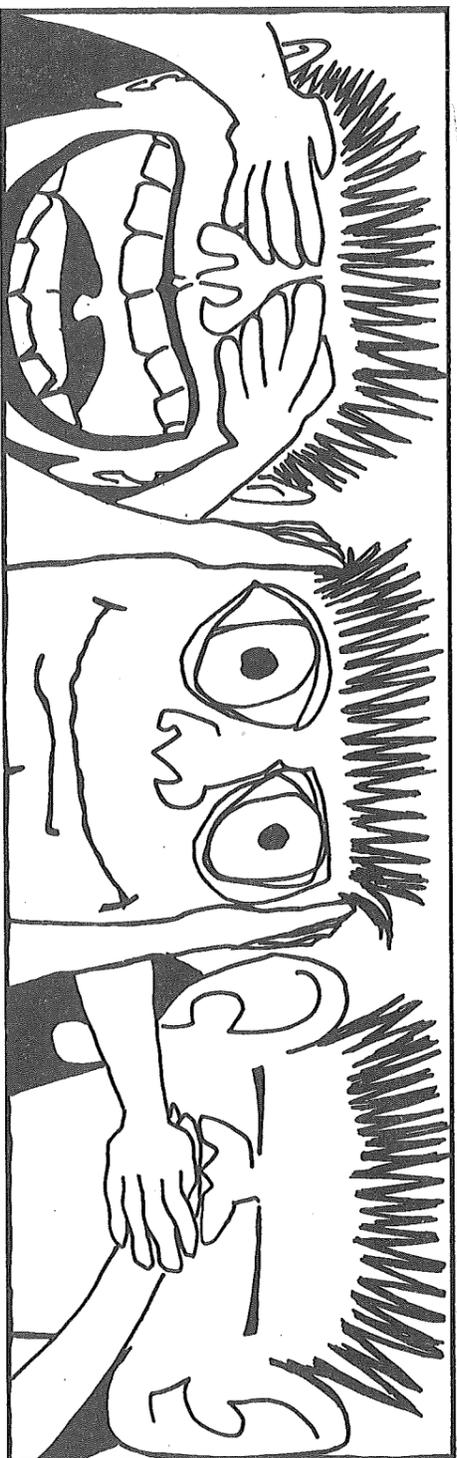
Salviano

Guimarães — PSDB

Câmara Legislativa, jovem, criativa e pujante. Inquietações geradoras de cultura, sobretudo nos momentos críticos da sociedade em que desafios se transformam em dividas, e os seus equacionamentos em conquistas.

O "DF LETRAS" representa hoje os compromissos desta Casa com o seu povo, que por suas manifestações culturais, liberta-se dos seus limites físicos para a grandeza do pensamento criativo que lhes garante como a democracia de cidadãos livres.

Zeckronie  
— 1994 —



podemos mais beliscar nada nas prateleiras. Está tudo tão difícil. Os donos querem que a gente morra de fome.”

A representante da Câmara dos Deputados agitou as asas:

“Sim! Podemos atacar cada um dos responsáveis por nossa miséria. Vai ser fácil. Ou será que a gente se esqueceu do susto que sempre aplicamos às mulheres? Elas gritam e se encolhem diante de apelas uma de nós. Imaginem quando aparecermos às centenas, milhares...”

Uma barata idosa, de óculos, ponderou, coçando as antenas:

“A colega está delirando, se me permite a observação. Estamos querendo combater os homens, não as mulheres. Talvez uma e outra poderão estar no caminho, mas...”

“Homem e mulher são a mesma coisa!”

“Não! são diferentes! Muito diferentes!”

“Sua machista!”

Uma baratinha adolescente começou a pular, achando tudo muito divertido:

“Vamos atacar todos os ministros e palácios, inclusive o Itamarati...”

“E a casa da Dinda!”

“Os homens mais poderosos deste país estão querendo nos exterminar. Eles detestam dividir qualquer coisa. São muito gananciosos, egoístas, só pensam em si, não pensam nos demais seres vivos”.

“Muito bem!”

Zunzum zoeira zorra zunzulando e um grito ecoa:

“Ao ataque! Todo o poder às baratas!”

Antenas entusiasmadas se cumprimentam, aplaudem, e uma revoadada alegre comemora a decisão.

O primeiro batalhão atacou o Palácio do Planalto. Elas corriam dispersas pe-

lo saguão de entrada, deslizando para o elevador e subiram até o gabinete do Presidente. Algumas foram despedaçadas pelo segurança. A maioria conseguiu unir-se às colegas que já estavam esperando na porta do gabinete. Enquanto isso outros grupos iam se infiltrando em todos os andares dos ministérios.

Havia também os batalhões-kamikaze que atraíam a atenção dos seguranças, dos ministros e outras autoridades, e recuavam, para desviar a atenção deles, enquanto as colegas invadiam os pontos principais do governo. Era a operação-suicida. Poucas sobreviviam. Mas essa táctica garantia a ofensiva geral das outras. Ruidosas, remexiam as pilhas de papéis, quantos papéis, para que serviam? No Palácio do Planalto, onde estava o grupo maior, elas entraram no comitê de imprensa, carregaram máquinas e papéis. No gabinete do Presidente pularam na gaveta da escrivaninha, e encontraram, espantadas, uma calcinha!

Pegaram a calcinha e ficaram rindo, e ao mesmo tempo intrigadas com os hábitos do Presidente.

No Ministério da Fazenda elas invadiram uma

reunião do ministro com seus assessores. Eles pararam estarrecidos, e mal puderam esboçar uma reação, elas os carregaram para fora da sala, o ministro escapou e correu para o banheiro. Mas elas estavam lá também, calmas, agitando as antenas para ele. O ministro chutou algumas.

No Senado elas foram à tribuna, onde estava discutando um senador, entraram na calça dele e subiram pelas pernas, fazendo cócegas. O senador, que falava sobre a crise moral no país, começou a rir e quando percebeu as baratas, saiu correndo e sacudindo a roupa. Outras fazem o mesmo na Câmara dos Deputados. Agarravam-se aos microfones das mesas, voavam e olhavam arrogantes e arreganhadas para os membros da mesa. Os deputados tentaram ignorar o batalhão de baratas, mas elas foram aumentando, aumentando, e uma nuvem escura cobriu todo o plenário, obrigando os parlamentares a uma retirada necessária.

No Planalto, o Presidente entrou no gabinete e ouviu o fremito das asas que se debatiam e voavam para todos os lados. Ficou alucinado. Correu para a estante de livros, em busca

de um veneno em pó, comprado num dia em que ele pensou em se matar. Seu corpo inteiro estava já coberto de baratas. O Presidente esfregava as mãos no corpo, tentando atungentar as invasoras que penetravam nos bolsos, enfiavam-se entre os cabelos e orelha, e o Presidente procurando o vidro de veneno.

pre aqueles insetos miseráveis. Todos os demais membros do governo aderiram.

Desde esse dia, o Presidente encontrou uma forma de mostrar ao povo que está realmente se sacrificando para solucionar os problemas. Ele reúne um grupo de ministros e, juntos, gravam um programa em cadeia nacional, mostrando os dirigentes do país comendo baratas, vivas.

No Palácio do Burti, o governador tomou uma decisão drástica. Ao ver as atacantes e não conseguindo destruí-las, apANHOU algumas e espedaçou-as entre os dentes — o sabor não era muito mal.

Após comer todas, o governador telefonou aos ministros, ao Congresso Nacional, ao Planalto, a todos os gabinetes oficiais e sugeriu a mesma solução — que as baratas fossem comidas. Era a única coisa que elas temiam.

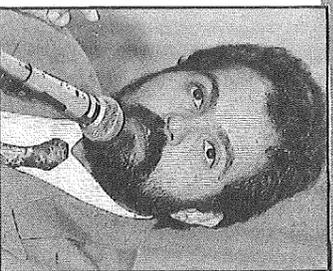
O Presidente foi o primeiro a aceitar. Após a primeira mordida, percebeu que eram realmente macias, tinham alguma substância.

O ministro da Fazenda fez o mesmo, com alguma hesitação, mas também curiosidade. Sim, eram saborosas. Claro, não tinham o gosto de um es-cargot, mas, enfim, era a única forma de salvar o Brasil, destruir para sem-

trando os dirigentes do país comendo baratas, vivas. Todas as manhãs, o próprio Presidente inicia a caça às baratas para suprir o estoque. Animado com o sucesso perante a opinião pública, ele formou uma comissão especial para examinar as melhores baratas do mercado, e até criou um prêmio para o melhor caçador de baratas do país. Na Bolsa, a cotação das baratas disparou. Nos supermercados já existem prateleiras com baratas em finas embalagens.

Mas o povo gosta mesmo é de ver o Presidente, uma vez por semana, apresentando-se em cadeia nacional com seus ministros. Ele escolhe as baratas mais gordinhas, cria suspense brincando com elas nas mãos, e coloca uma a uma entre os dentes.

Jason Tércio é jornalista e escritor



**Agnelo Queiroz — PC do B**

## Implantação da Lei de Formação de Ator

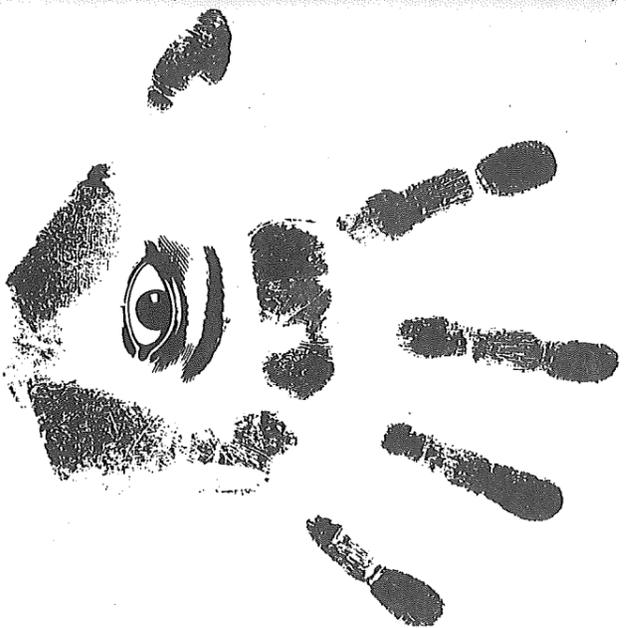
O Presidente do Sindicato dos Artistas de Brasília, Valmir Ferreira, cobrou a regulamentação e implantação da Lei 599, que prevê a inclusão dos cursos de “ator teatral” e “técnico em espetáculos de diversões” no ensino de 2º Grau das escolas públicas de Brasília. A Lei, de autoria do deputado Agnelo Queiroz (PC do B), foi sancionada pelo Executivo em novembro do ano passado, mas até agora não saiu do papel. Atualmente, o único espaço

acadêmico dedicado à formação de profissionais para o teatro é a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, mas, segundo o presidente do Sindicato dos Artistas, cerca de 80 por cento das pessoas com vocação para as artes cênicas deixam de frequentar a Faculdade Dulcina por causa das altas mensalidades cobradas. A Lei do deputado Agnelo Queiroz recebeu o apoio da Associação Nacional das Entidades de Artistas

e Técnicos em Espetáculos de Diversões (Aneate). “Vamos propor Projeto de lei idênticos em outros estados da Federação”, anunciou o secretário-geral da entidade, Amaro Santos da Silva. Agora Brasília, que já tem lei sancionada, só o Paraná implantou nos currículos das escolas públicas esses cursos. A lei em vigor na capital federal prevê a formação de profissionais nas funções de ator, cenógrafo, iluminador, figurinista, aderecista, secretário teatral e sonoplasta.



**Lúcia Carvalho**



Hugo Mund Júnior

**P**oemos dizer que a ousadia da experimentação poética não estacionou no Concretismo. As experiências prosseguiram e continuam até os nossos dias com resultados surpreendentes.

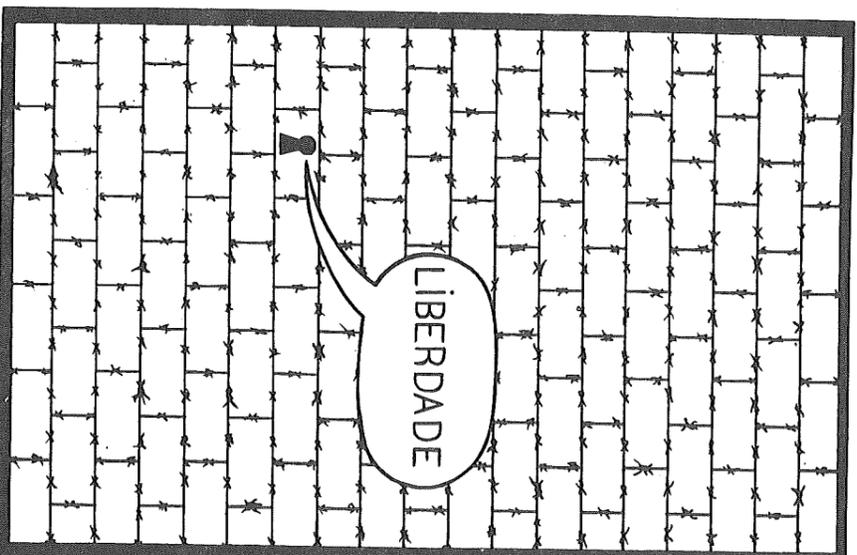
A partir da década de 70, no Brasil, os poetas visuais surgem timidamente, promovendo as suas primeiras exposições e publicações alternativas. Com o passar do tempo inúmeros adeptos se integram ao movimento da poesia visual e cada um manifesta sua arte utilizando dos recursos mais variados: xerografia, computador, holografia, vídeo, cartazes impressos, laser, cartões postais, etc.

A temática explorada, em sentido universal, é o homem e seu estar no mundo. Em caráter particular, no Brasil, exploram-se a incompetência política nacional, a miséria, a vida externa, a ilusão da loteria, o dilema humano da energia atômica, conflito psicológico do ser e os temas eróticos.

O poema visual caracteriza-se por valorizar a imagem como entidade universal. A palavra, no caso, é um apêndice muito bem explorado e colocado, compondo um todo harmônico capaz de permitir ao "vitor" (o que vê e lê ou só vê) uma infinidade de leituras, de acordo com o nível do seu conhecimento, experiência e cultura.

HUGO PONTES

poeta visual, um dos precursores da xerografia brasileira, com poemas e artigos teóricos sobre essa técnica, editor da página "ComunicARTE" de poemas visuais para o Jornal da Cidade/MG.



Marciel Berlamino Bezerra



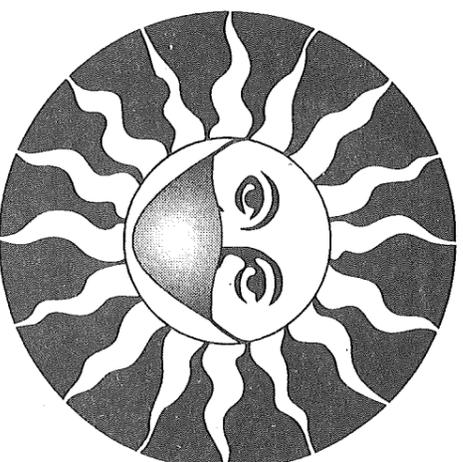
CONTATO



Hugo Mund Júnior



Omar Pereira



Omar Pereira

## Cultura e Democracia



Lúcia  
Carvalho — PT

A democracia é a igualdade de direitos e oportunidades para todos. E a cultura representa democratizar e abrir as portas do conhecimento, permitindo o fluxo das informações e a universalização do saber. Tudo que o ser humano produz, material ou simbolicamente, é cultura. Todos somos agentes da produção cultural. Ela é a humanidade, nosso modo de ser e estar no mundo.

O universo cultural é pluralista justamente porque reúne as mais diversas formas de expressão das identidades. Cada indivíduo, cada comunidade, cada povo, constrói sua própria identidade cultural. A democratização da cultura requer prioridade para a educação. Porque é o saber que nos permite ir além dos limites de nossa cultura local, ajudando-nos a descobrir a humanidade do homem.

A democracia não será verdadeira enquanto não tivermos uma democracia cultural. Porque a cultura é simultaneamente tradição e novidade, herança que carregamos e capacidade de inventar respostas para nossos desejos. É nosso auto-retrato, espelho da alma e testemunho do ser.

## Ponto de combustão

<input type="checkbox"/> <b>Donald de Lima Mello</b>	Abóboda	espessa.
	Recendo	magnética. Tempo de arear bruma.
	Sol	escuma. Olhar de puma. abrasador...
	Fervor	incontrolável
	Instável	capa de expectativa. Sem som de patativa.
	Ativa um céu	plumbeo opaco, parco
	Arco de esparsos cujo calor	impacto
	atíca na flor do cerrado	

### O medo

sutil	da chegada	cravada	alada
de um tempo	Gravel ave de rapina	de um tempo	do qual ninguém sabe.
Leva de agonia	Augúrio:	empina o bico	empina o bico
		espreita a treva	espreita a treva
		o silêncio de esperança	o silêncio de esperança
		Escárnio da flama.	Escárnio da flama.

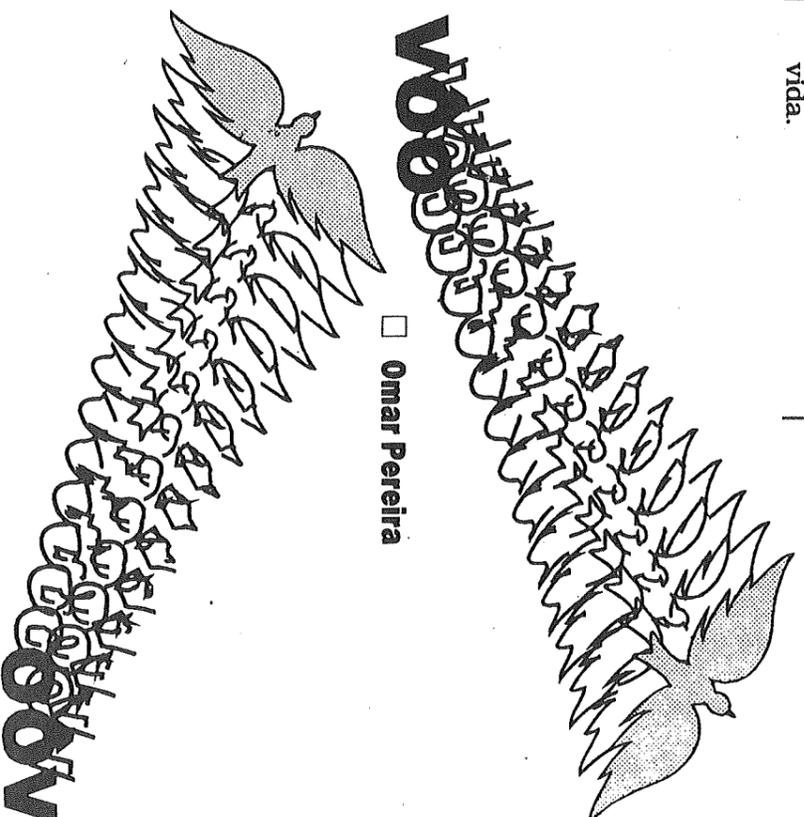
Donald de Lima Mello é Economista, cientista político e poeta amazonense radicado em Brasília.

## Retorno à Liberdade

- Hilda Fogaça**
- No vai e vem da vida  
No vai e vem do nada  
O encanto pelo tudo
- No expandir da vida  
No espraiar da alma  
A descoberta tardia
- No percorrer caminhos  
No desvendar carinhos  
O recorrer sozinha
- No procurar amores  
No almejar futuros  
A incerteza com dores
- No enfrentar a vida  
No combater feridas  
O decidir de novo
- No caminhar da vida  
No enfrentar ferida  
O começar de **NOVA**  
vida.

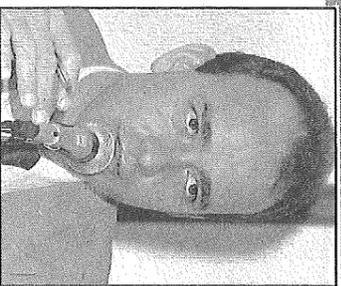
## Confraria da matéria

- Luis Martins**
- Sua meta longínqua é o pó.  
Um dia, la chegarão,  
depois de fileiras de estágios e ruínas.  
Vencerão todas as obras inauguradas,  
pintadas, reformadas, restauradas, tombadas.
- Eles se imbricam, se intrinsecam, se enfonham,  
faméricos, fééricos, prenhes,  
aderentes.
- Ah! Mas eles não poderão contra o mármore,  
pois o mármore é o companheiro do eterno,  
essa categoria do Intangível,  
que não é vulgo aos germes.



**Omar Pereira**

## Cultura na Câmara Legislativa



**Peniel Pacheco — PTB**

Em Brasília a produção e difusão cultural mantêm uma relação indissolúvel com as instituições em geral. Esta é uma característica da capital federal. A falta de galerias e teatros, os artistas se apresentam nas embaxadas, bancos, órgãos do governo, palácios e dependências do Legislativo.

Os espaços culturais criados nesses locais estão cada vez mais consolidados e ativos. Na Câmara

Legislativa temos o Espaço de Convivência, inaugurado há pouco mais de um ano, e que tem promovido regularmente exposições de artes plásticas e artesanato de artistas locais e nacionais. Todo mês artistas de cidades-satélites são convidados a expor ali. Em março vieram artistas de Sobradinho. Em abril está prevista a presença de artistas de Planaltina.

Ainda na Câmara Legislativa temos a Fotogaleria, na qual os fotógrafos de Brasília expõem seus melhores trabalhos, sempre com um tema específico. Recentemente tivemos fotos do movimento estudantil dos anos 60 e 70 em sua luta contra a ditadura militar. Antes houve fotos do deputado Ulysses Guimarães. Atualmente temos uma exposição em homenagem ao Jardim Botânico.

# Tua presença

O orvalho, a brisa,  
A calmaria daquela noite,  
Fizeram-me sentir a falta do teu ser,  
Da tua presença.  
Estava tudo calmo, e um silêncio total  
Dominou todo meu coração...

A noite estava linda, o céu cheio de  
estrelas  
Vagando em meio a escuridão,  
Pude sentir o quanto necessário de você,  
Da tua presença amiga,  
Das tuas ternuras,  
Dos teus carinhos...



Marilene Maria  
dos Santos Bonifácio

*O maior sonho de Marilena, de apenas 19 anos, era publicar um livro de poesia. Para torná-lo realidade percorreu várias gráficas do DF e, consagrada, descobriu que fazer/sentir poesia é caro. Muito caro. Não se deu por vencida: vendeu o fusquinha que tinha e tornou público os seus sentimentos. O DF Letras publica duas poesias do seu livro "TERNURA".*

# Mais uma noite

Os teus olhos serenos  
vagando no brilho da noite  
e, ao mesmo tempo,  
no brilho do meu olhar...

O calor envolvente do teu corpo moreno  
molhado pela umidade, ao luar,  
Fazia-me lembrar  
Toda a serenidade do mar...

Não... era apenas mais uma noite  
Na qual eu me via sempre  
no mesmo pranto  
de um dia poder te amar...

Mas era apenas mais uma noite como as  
outras,  
em que pude recostar-me em teu peito  
e em suave movimento  
pude sentir você invadir-me,  
penetrar-me em todo meu ser...  
Era apenas mais uma noite cheia de  
recordações...

# DF L . E T R A S



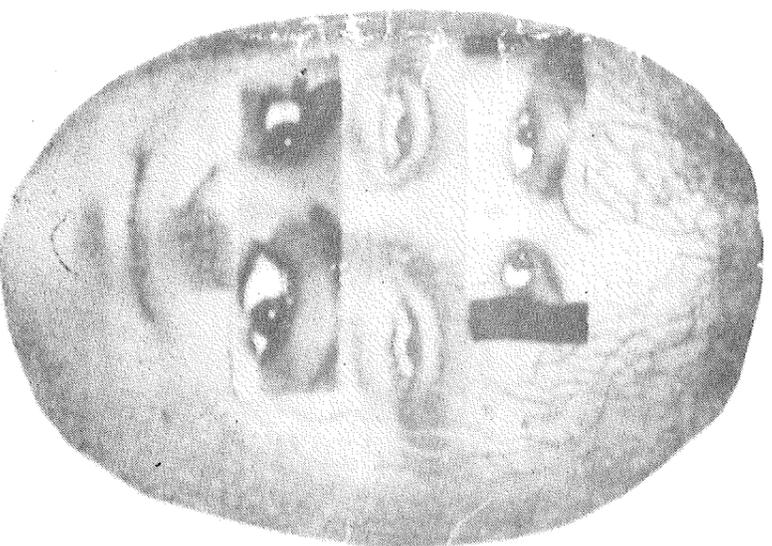
# Um grande "jornalzinho"

O "jornalzinho" da Câmara Legislativa do Distrito Federal é o maior sucesso. Um êxito editorial. Criado única e exclusivamente para valorizar, estimular e divulgar o escritor, o poeta, o historiador, o ensaísta, a pessoa enfim, que luta e faz cultura, o "DF LETRAS" atingiu plenamente seu objetivo em apenas um ano de existência. Hoje, mais de 3.000 exemplares são distribuídos mensalmente pelo Brasil afora. Do exterior, especialmente de universidades norte-americanas, os pedidos de assinatura aumentam a cada edição.

"DF LETRAS", um grande "jornalzinho".  
Escreva que publicamos.  
O "DF LETRAS" é de quem escreve!

# O que os olhos devoram

□ Ézio Pires



## Perigo de demora

Vou passar  
o fim do mundo  
no monte do gozo  
só  
olhando  
o fim de tudo  
-calmal  
antes  
ainda mostro  
o periculum in mora  
da moça  
que me namora  
agora  
-ela me mostra  
sem pressa  
além das coxas  
umbigo  
e os seios exíguos.

## satãs do amor

algumas palavras  
me espiam  
como algumas mulheres...  
— sabendo  
o que me querem...  
— umas sensuais  
me devoram com os olhos:  
me mostram o que gosto...  
devagarinho  
debaixo dos lençóis  
outras são panteras aladas  
só  
me espiano de lado...  
as mais belas  
(filhas  
de maia...)  
só  
me espiam de manhã...  
todas me espiam  
como santãs do amor...

## Desejo de pedra

para ser livre  
entre  
a solidão  
de uma rocha  
e o isolamento  
de um escaroto  
a bíblia  
me avisa:  
já fostes pó  
tirado do barro  
até hoje  
o que nunca  
te tiraram  
foi este desejo  
de ser pedra  
-jogada  
nas idéias calvas.

## Os camelôs...

### A feira...

□ Maria Dalva Junqueira Guimarães  
(Madellon)

Standers por toda parte...  
Sábado... domingo...  
Manhãs e tardes inteiras!  
Os Camelôs... A Feira...  
  
Capim... ramos do campo,  
Folhas... panos e tinta,  
Galhos do mato  
Terra... Barro... Madeira...  
Tudo transformado  
em forma de artesanato!

Bonecas, palhaços, bichos  
Feitos de pano...  
Peças diferentes  
As mãos de Fadas...  
Enfeitam a Feiral!

O povo... tanta gente!  
Um vai-e-vem estonteante...  
Gente chegando  
a todo instante.

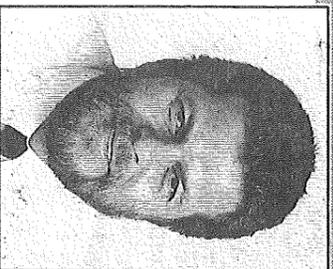
E eu no meio,  
Olhando alheia...  
Os Camelôs... A Feiral!

## missas e moças

os sinos  
da cidadezinha de Pirenópolis  
não batem mais para as missas  
batem  
só  
para as moças  
numa procissão de virgens...  
elas  
passam ocultando tudo  
até um sorriso  
estampado  
outro  
dia  
em seus vestidos  
os sinos  
hipnotizam as moças  
mas nunca me avisam  
para onde vou morto de amor

## adeus

boa noite  
bom dia  
boa tarde  
quem tem não dá mais  
— adeus  
o que mais se dá  
em Brasília  
— adeus  
rio sem fonte...  
— adeus  
pátria e família...  
— adeus  
sorte de ontem e hoje  
— adeus  
boa vida de namorado  
livre: —  
que eu tenha coragem  
de poeta bíblico  
transladado  
sem ver a morte  
sem dar  
adeus...



**Edimar  
Pirineus — PP**

## Brazlândia mantém tradição do Divino

Um pacto com o Divino Espírito Santo faz com que os animais sobrevivam e procriem mais e garante uma boa colheita todo ano. Para agradecer e, também, para comemorar os bons resultados da colheita e da criação, os vaqueiros fazem, uma vez por ano, a Festa do Divino, uma manifestação cultural do interior do País que se mantém viva em poucos municípios. Na maioria das cidades, a tradicional festa sucumbiu à falta de apoio e à crescente substituição dos valores

culturais antigos pela cultura de massa introduzida, principalmente, através da televisão. A cidade-satélite de Brazlândia está neste rol cada vez menor das cidades onde a tradição do Divino ainda resiste. Graças ao apoio do deputado Edimar Pirineus (PP), que há vinte anos mobiliza a população e organiza a Festa do Divino, esta importante manifestação popular se repete todo ano. "Esta é uma tradição cultural que não pode morrer", afirma Pirineus, que contabilizou, este ano, um grande

crescimento na participação popular na Festa do Divino de Brazlândia. "O número de cavaleiros cresceu, e tenho certeza de que é devido ao apoio e à mobilização que estamos fazendo para que esta tradição não acabe", avalia o deputado. Para Pirineus, que apresentou emenda ao orçamento do DF para a construção da Casa de Cultura de Brazlândia, é preciso garantir um apoio efetivo à cultura, para que o País se desenvolva mantendo as suas referências históricas.

**Pedro  
Celso**



Venho c  
celente tra  
vido pelo  
divulgação  
nalísticos,  
qual, pens  
mais que  
cos e do p  
leitura, pr  
na realida  
F  
Pela inici  
res consag  
anônimos  
imorredou  
nizo os cr  
Suplemen  
cultura. a  
agradeço a  
camente re  
Somia Caro

Prezada R  
Feliz Di  
Multissi  
messa do  
tão frater  
Votos de  
Fr

# Cartas

AO  
DF LETRAS  
Câmara Legislativa do DF  
SAIN - Parque Rural Norte  
Brasília-DF

7 0 0 8 6 8 0 0

Brasília, 14.03.94

“Não sou alegre, nem sou triste:  
sou poeta”

Cecilia Meireles

Pres: Bernardes, 17.03.94  
Prezados amigos DF Letras:  
Através do DO-Leituras tive a oportunidade de conseguir vosso endereço e de saber também da possibilidade de publicarem obras inéditas.

George Oetterer (Iperó) SP - 08  
III 1994  
Exma. Senhora  
Rose Mary Miranda  
Vice-Presidente  
Câmara Legislativa  
Distrito Federal  
Brasília

Estimada V. Presidente,

Quero levar meus parabéns pela excelência do trabalho editado com sua responsabilidade que se chama DF Letras.

Esteve muitos anos no exterior com bolsa de estudos e trabalhando em Londres na BBC (setor bras.), no Parlamento Europeu. Além disso treinava os dotados de pesquisador nas universidades locais.

Rio, 08/III/94  
Prezada Rose Mary,  
Feliz Dia das Mulheres!  
Muitíssimo grato pela gentil resposta do DF Letras e pela acolhida tão fraternal ao meu poema.  
Votos de sucesso!  
Fraternal abraço do  
J. Cardias

Agora no Brasil, mais precisamente em Iperó (SP) no distrito de George Oetterer, faço parte de uma equipe que cuida do menor carente dando-lhe lazer, alimentação e ensino profissional.

Sua iniciativa no DF Letras é brilhante dando oportunidade aos escritores novos no cenário literário para mostrarem os atributos de cada um.

Venho cumprimentá-los pelo excelente trabalho editorial desenvolvido pelo DF Letras, pela análise e divulgação de textos literários, jornalísticos, acadêmicos ou não, o qual penso eu, deveria ser leitura mais que obrigatória dos acadêmicos e do povo leigo amantes da boa leitura, preocupados com a cultura, na realidade do momento em nosso

Junto lhe envio amostra de uma pesquisa que estou realizando na Fazenda Ipanema, local histórico onde desde 1589 Sardinha iniciou sua Forja de Ferro. Posteriormente no Império foi fundada uma Real Fábrica para exploração do metal ferroso.

Caso o assunto seja de interesse para o DF Letras posso lhe enviar um material de cinco páginas sobre o assunto.

Com muita estima,  
Jornalista DaRocha-Pombo, P.  
Speers (SP MTb 7489)  
Projeto ICIC George Oetterer  
18 560 000 Iperó-SP

Agradeço pela assiduidade que têm me enviado o Suplemento Cultural - DF Letras — O qual é responsável pela publicações atuais, interessantes, e voltados exclusivamente, ou melhor, na maioria para a cultura brasiliense.

Parabenizo-lhes pela composição, escolha de artigos, poemas, entrevista, etc. O artigo de Bernard Elis — meu confrã — foi explicitamente delicioso de ler, aprender, compreender, divulgar, etc.

Pela minha tendência em escrever poemas, tenho apreciado os versos publicados; agora tenho a sugerir que sejam dedicados aos poemas mais páginas (como merecem outros artigos). Peço-lhes extrapolem mais na linguagem poética.

Prezados Editores  
do DF Letras

São Paulo, 07 de março de 1994  
Prezada Rose Mary Miranda

É com prazer que venho externar os meus agradecimentos à Equipe de Edição do DF Letras, quer pela rennessa à Biblioteca Cecilia Meireles, quer pelas amáveis referências neste excelente n.º 8.

Remeto-lhes volumes IV, V e VI da antologia Sociedades dos Poetas Vivos.

Fraternalmente  
J. Cardias

Atenciosamente,  
Antonio Medrado

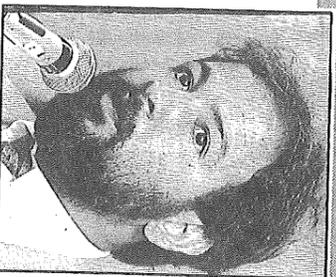
Recebi o DF Letras (n.º 09), obrigado. Aproveito para parabenizá-los pelo ótimo trabalho desenvolvido em favor da cultura, divulgando àqueles que não têm condições de publicar seus trabalhos.

Esta vai como pedido de assinatura, junto envio 2 poesias. Espero poder desfrutar mais ainda deste correio literário.

## Projetos culturais

O deputado distrital (PT) reapresentará, este mês, dois projetos de sua autoria voltados para a área de cultura. Os projetos foram aprovados pela Câmara e vetados pelo governador. Os vetos foram mantidos, apesar do apelo do

deputado e do Conselho de Cultura do DF. Um dos projetos autoriza o Poder Executivo a criar o sistema de capacitação e profissionalização de pessoal para a área sociocultural.



Pedro  
Celso — PT

Este projeto possibilitaria a realização de um sonho antigo dos funcionários da Fundação Cultural. O outro projeto destina os ônibus desativados da TCB para atividades culturais, pedagógicas, artísticas, educacionais, recreativas e esportivas patrocinadas diretamente ou em convênio por órgãos governamentais. Os velhos ônibus seriam transformados em bibliotecas e teatros ambulantes.

Ao propor o projeto, Pedro Celso mirou-se no exemplo da ex-secretária de Cultura do município de São Paulo, Marlina Chauí. Os velhos ônibus da CMTC, que virariam sucatas e seriam vendidos como ferro-velho, passaram a ter um destino nobre. Segundo Pedro Celso, os seus projetos contam com amplo apoio dos segmentos artístico e cultural da cidade.

# Parque de Los Poetas

**A** Embaixada do Chile inaugurou no dia 21, último, nos jardins da residência oficial em Brasília o "Parque dos Los Poetas". Para o embaixador Carlos Martínez Sotomaior a iniciativa "foi uma demonstração de amizade" com o Brasil materializada através do testemunho de três importantes figuras da literatura universal: Gabriela Mistral, Pablo Neruda e Vicente Huidoro.

Em homenagem aos três expoentes da cultura latino-americana, tão ligados ao Brasil, foi inaugurado um monumento à Poesia Universal. O presidente da Academia Brasileira de Letras, Josué Montello, esteve presente ao evento. Do programa constaram um recital de três vozes com poemas de Mistral, Neruda e Huidoro, além de uma exposição fotográfica, "O Universo de Neruda e de Gabriela Mistral, de Edith Phillips. A vanguarda de Huidoro foi também mostrada. **O Parque agora é dos poetas!**



**Gabriela Mistral**

**1945**

"Os he querido, os conocí y os seguiré siempre con lealtad, niños del Brasil, grande y humano".

"Tenho-os querido. conhecido e sempre os seguirei com lealdade, meninos do Brasil, grande e humano".



**Pablo Neruda**

**1971**

"Brasília, aislada en su milagro humano, en medio del espacio brasileño, es como una imposición de la suprema voluntad creadora del hombre. Desde aquí nos sentiremos dignos de volar a los planetas".

"Brasília, ilhada no seu milagre humano, no meio do espaço brasileiro, como uma imposição de máxima vontade criadora do homem. Desde aqui nos sentimos dignos de voar para os planetas".



**Vicente Huidobro**

**1893 - 1948**

"Por qué cantais la rosa, Oh poetas! Hacedla florecer en el poema; solo para nosotros viven todas las cosas bajo el sol. El poeta es un pequeño dios".

"Por que cantais a rosa, ó poetas! Fazei-a florecer no poema; apenas para nós vivem as coisas sob o sol. O poeta é um pequeno deus".

**IMPRESSO**

CPMTRATP Nº 3966/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UF: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

O par  
no